

TRABALHO HUMANO E NEOLIBERALISMO NA MUNDIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE BENS, DE SERVIÇOS E DA VIDA

*Ivan Dias da Motta**

SUMÁRIO: 1. *Das causas da exclusão do trabalho humano como centro de referência da produção econômica;* 2. *Uma análise do ser humano e de sua força-de-trabalho como forma de sobrevivência no contexto da globalização;* 3. *Conclusão;* 4. *Referências.*

1. Das causas da exclusão do trabalho humano como centro de referência da produção econômica

Ao longo da história, já se justificou a existência/necessidade do trabalho humano por diversos fundamentos¹. Em Marx, consideram-no da própria essência do homem; a doutrina católica já propugnou-o como forma de expiação do pecado; o socialismo utópico o considerava uma fonte de convívio cooperativo; o taylorismo, por sua vez, entendeu-o como um mau passível de ser eliminado, uma vez organizada e mecanizada a produção de bens².

A discussão sobre a necessidade do trabalho humano para a produção de bens e serviços à humanidade é a tônica desta transição de século, na seara das ciências sociais. Constatam-se na literatura jurídica que, às causas deste fenômeno, atribuiu-se o rótulo de *globalização*. Essas causas serão estudadas, a fim de contextualizar as alterações provocadas no

* Mestre, doutor e pós-doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em Direito das Relações Sociais - Relações do Trabalho. Professor da Graduação e do Curso de Mestrado do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR.

¹ Para uma visão mais aprofundada dessa evolução ver Bagolini, L. *Filosofia do Trabalho. O Trabalho na democracia*. (trad. João da Silva Passos). 2ª. ed. São Paulo: LTr. 1997.

² De Masi, D. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera. 1994. p. 45.

trabalho humano como forma de aquisição de condições para manutenção da vida em sociedade. Esse problema da sociedade pós-industrial e as manifestações jurídicas, para explicação e perenização de soluções circunstanciais serão trabalhadas a seguir.

1.1. Causas econômico-políticas

Sob o aspecto econômico-político, viu-se a formação de uma teia que afeta os “mercados” do mundo. Jacques Adda localizou a origem da formação desta teia financeira

O progresso da finança internacional depois de 1945 apresenta características particulares desse ponto de vista. A multiplicação de faltas de pagamentos e de casos de repúdio de dívidas por parte de devedores soberanos entre duas guerras, da Rússia à América Latina, incentivou o estabelecimento de um financiamento multilateral público, gerido pelas instituições de Breton Woods. Mas particularmente, as contradições da política financeira americana iriam provocar a formação de um mercado internacional dos capitais privados. O crescimento exponencial desse mercado a partir dos anos 60 não era compatível, por outro lado, com a manutenção do regime de paridades fixas promovido pelo acordo de Bretton Woods. O desabar desse regime, no início dos anos 70, fez cair progressivamente todas as resistências a uma liberalização completa do movimento de capitais. Combinadas com a revolução das comunicações, as políticas de desregulação reforçaram por sua vez o processo de globalização financeira - por outras palavras, a emergência de uma rede financeira global, funcionando em contínuo em quase todos os fusos horários - e a contrapartida necessária, a instabilidade monetária³. (sem grifo no original)

³ Adda, J. *A mundialização da economia - Gênese*. V. 1. trad. Ana Barradas. Lisboa: Terramar. 1997. p. 153 *apud* Diniz, J. J. B. *O direito e a justiça do trabalho diante da globalização*. São Paulo: LTr. 1999.. p. 67 e 62. Quanto ao conceito do sistema Bretton Woods, tem-se: *O Sistema Bretton Woods baseou-se nessa garantia de convertibilidade para detriminar o dólar como moeda internacional e passível de render juros. As fortes transferências de capitais EUA-Europa e EUA-Japão conseguiram manter a liquidez necessária para o reerguimento da economia internacional, entretanto quando o dólar passa a ser procurado para, não mais financiar a reconstrução européia e japonesa, mas sim a manutenção dos empreendimentos militares americanos e a taxação de investimentos no mercado americano, as reconversões de dólar para ouro crescem assustadoramente, levando as reservas americanas para baixo, e, com a chegada da década de 60, os compromissos americanos com o mundo são maiores do que sua reserva de ouro. Vendo que o preço do dólar estava sendo artificialmente mantido, o volume de atividade especulativa cresceu apostando na baixa do dólar, para salvar a moeda americana (e a economia mundial de mais um colapso) criou-se um pool de ouro, que conseguiu dar a tão prometida convertibilidade ao dólar. Verificando esta situação da moeda nacional americana, que por muito tempo foi mantida artificialmente, e que foi utilizada pelo EUA para cobrir seu déficit, além de que a carência universal dela implicava um submissão das*

Edgar Morin confirma as palavras de Jacques Adda e fornece um exemplo para elucidar o raciocínio do funcionamento da globalização ou mundialização da economia:

A economia mundial é cada vez mais um todo interdependente: cada uma de suas partes tornou-se dependente do todo, e, reciprocamente, o todo sofre as perturbações e vicissitudes que afetam as partes.

A queda da cotação do café, por exemplo, incita os camponeses da Colômbia a cultivar a coca, que vai alimentar as redes planetárias de transformação e tráfico da droga, e depois a lavagem do dinheiro em bancos de países como a Suíça. No sentido inverso, uma reivindicação de 5% de aumento de salários na Alemanha pode afetar a cotação do cacau na Costa do Marfim através de uma redução geral da atividade econômica: a) a reivindicação incita o Banco Central, por temor da inflação, a restringir a liquidez e aumentar a taxa de juros; b) o Banco da França faz o mesmo para evitar a fuga de capitais para a Alemanha; c) dinheiro japonês é colocado na Alemanha; d) os Estados Unidos, na falta de dinheiro, fazem aumentar a taxa de juros; e) por toda parte no mundo o consumo diminui, e portanto diminui a atividade econômica; f) os países do terceiro mundo, cuja taxa de juros é indexada, têm que pagar uma taxa mais elevada; g) há menos demanda à exportação para os países subdesenvolvidos, e o preço das matérias-primas diminui, caindo portanto a cotação do cacau na Costa do Marfim.

A mundialização da econômica unifica e divide, iguala e desiguala. Os desenvolvimentos econômicos do mundo ocidental e do Leste asiático tendem a reduzir nessas regiões as desigualdades, mas a desigualdade aumenta em escala global, entre “desenvolvidos” (em que 20% da população consomem 80% dos produtos) e subdesenvolvidos^{4,5}.

Uma justificativa atualizada e consistente foi elaborada por Dallegrave⁶, que localizou as 10 (dez) medidas do neoliberalismo e do governo neoliberal e, por conta disto, analisou as 4 (quatro) características do estado globalizado⁷. Destas análises, tem-se, na denominada

potências européias aos EUA já reconstruídas, a motivação à revogação da convertibilidade dólar-ouro, na década de setenta foi confirmada.

⁴ Segundo fontes do Banco de Compensações Internacionais, os negócios que envolvem ações nas bolsas, empréstimos empresariais, títulos de dívidas estatais e todo esse mercado de derivativos movimentou, no ano de 1995, mais de 1,5 trilhões de dólares por dia. O Deutsche Bank sozinho lucra anualmente 1 bilhão de marcos. In Dallegrave Neto, J. A. Inovações na Legislação Trabalhista. Aplicação e Análise Crítica. São Paulo: LTr. 2000. p. 24, nota 19.

⁵ Morin, E. Kern, A. B. *Terra-Pátria*. (trad.). 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina. 2000. p. 34.

⁶ Dallegrave Neto, J. A. Op. cit. p. 21.

⁷ Dallegrave Neto, J. A. Op. cit. p. 21/22. “As dez principais medidas trazidas pela nova doutrina podem assim ser relacionadas: 1 - flexibilização dos direitos individuais trabalhistas; 2 - estímulo à livre negociação entre patrão e empregado, com limitações ao direito de greve e ao poder sindical; 3 - exoneração do funcionalismo público e privatização

financeirização, a confirmação do que afirmou Morin e Brzezinski⁸, quanto a união da política à economia, em escala mundial.

Diniz traz os argumentos de José Carlos Souza Braga que foca na política de financeirização virtual da riqueza das nações as conseqüências e as causas das irracionalidades do capitalismo contemporâneo. Braga argumenta:

Longe de ter moderado a instabilidade intrínseca do regime dos câmbios flexíveis, a especulação tornada mais fácil e mais poderosa que nunca pela globalização financeira, levou-a ao seu paroxismo, obrigando os bancos centrais mais resolutamente monetaristas (...) a intervir nos mercados de câmbios para tentar, de vez em quando, aproximar as paridades das moedas de níveis mais conformes os dados econômicos fundamentais. Na prática, 95% do valor das transações realizadas nos mercados de câmbios correspondem a movimentos financeiros independentes das operações sobre bens e serviços. Pode-se assim explicar os fenômenos de sobre-reação das taxas de câmbio e de bolhas especulativas pela desconexão crescente entre esfera financeira e a economia real⁹.

A mobilidade do capital no mundo e a permanente pressão sobre a política-governamental para a total liberdade permitem equalizar as variáveis da produção de forma a obter monopólios e mais, cada vez mais, lucro¹⁰.

das estatais; 4 - diminuição do espaço público e ocupação pelos entes privados; 5 - mudanças de prioridades nas diretrizes de educação e saúde públicas; 6 - políticas que diminuam a inflação e a tributação sobre as altas rendas; 7 - medidas que facilitem a livre circulação do capital especulativo estrangeiro; 8 - quebra dos monopólios estatais e das barreiras alfandegárias; 9 - facilitação da circulação de bens e da mão-de-obra nacionais e internacionais; 10 - desregulamentação da economia que passa a ser regida somente pela lei de mercado.”

A partir do instante que os países colocaram em prática essas diretivas, o mundo passou a ter algumas características marcantes assim sistematizadas: a) macroeconomia globalizada e financeirizada; b) globalização dos meios-de-comunicação e da mão-de-obra; c) perda da soberania nacional e hegemonia dos blocos regionais; d) reestruturação do sistema produtivo.

⁸ 7) O poder econômico, na fase inicial da industrialização, tende a ser personalizado, quer por grandes empresários como Henry Ford, ou por funcionários industriais burocráticos como Kagonovich, ou Minc (na Polônia stalinista). A tendência para a despersonalização do poder econômico é estimulada, no estágio seguinte, pelo aparecimento de uma independência de alta complexidade entre as instituições governamentais (inclusive militar), os estabelecimentos científicos e as organizações industriais. À medida que o poder econômico fica inseparavelmente ligado ao poder político, torna-se mais invisível e a sensação da futilidade individual aumenta. Diniz, J. J. B. Op. cit. p. 42/43.

⁹ Diniz, J. J. B. Op. cit. p. 62 *et seq.*

¹⁰ Um dos maiores especialistas brasileiros em treinamento de executivos traz os seguintes dados ao fazer uma projeção para as primeiras décadas do século 21: (...) *Ao projetar o mundo para as próximas décadas, é fundamental enxergar a parcela da população global que vem aumentando: a dos que não têm condições de ter acesso a todas as maravilhas da tecnologia moderna. Mais do que isso, a enorme maioria de pessoas que ainda precisam do básico.*

Esta é a questão essencial posta à análise das ciências sociais modernas. Qual será o *mecanismo* que irá inverter a lógica de acumulação do capitalista?

Calcado na Revista Exame de 25 de agosto de 1999, Otávio Augusto Reis de Souza analisa a denominada *nova economia*, baseada nas *empresas virtuais da internet* e no *comércio eletrônico*, como possível resposta à lógica da acumulação, afirma “os lucros são reduzidos e se ampliam os ganhos de escala. Ao mesmo tempo, as empresas virtuais valem não pela sua lucratividade, mas por seu potencial; muitas delas, aliás, são deficitárias¹¹.”

A linha de raciocínio é a seguinte:

A nova economia possibilita a otimização do capitalismo. Pode-se vislumbrar um início da reversão da recessão e ciclo de crescimento pautado no incremento da produtividade, de matiz tecnológica. De início, abre-se espaço à internacionalização dos mercados, (tanto consumidor, quanto fornecedor) a propiciar maior eficiência e redução de custos. Mas, muitas outras transformações podem ser listadas: contato pessoal e direto com os clientes de uma empresa global; eliminação progressiva dos custos da intermediação; o tamanho da empresa (nos conglomerados virtuais) deixa de ser empecilho à lucratividade (altera-se a noção de custo); preços variáveis e potencial para se atingir o preço perfeito; informação perfeita; maior fluidez do capital sobre as fronteiras com base na arbitragem internacional¹².

Otávio, porém, adverte que se trata de uma possibilidade e exorta a esperança como forma de efetivação. Cita 2 (dois) trechos marcantes:

A nova economia é, acima de tudo, uma oportunidade. Como qualquer oportunidade ela pode ou não ser aproveitada. Vistas as coisas de hoje, é razoável imaginar que ela será aproveitada. E que o mundo continuará, por muitos anos, na tendência atual. “Os próximos 20 anos serão de maior

Atualmente, 1,3 bilhão de pessoas no planeta vive abaixo da linha de pobreza absoluta - ou seja, ganha menos de 1 dólar por dia. Desde 1980, cerca de 15 países em desenvolvimento tiveram crescimento econômico, mas 100 estagnaram ou declinaram, o que significou renda menor para 1,6 bilhão de pessoas. Em 70 dos países com crescimento econômico negativo, a renda média é menor hoje do que em 1980. Em 43 deles, é menor do que em 1970. Mesmo em países desenvolvidos, a desigualdade está aumentando. É o surgimento do “Quarto Mundo”. A distribuição de renda na França contemporânea é tão desigual quanto a que prevalecia às vésperas da Revolução Francesa. A distribuição na Inglaterra é pior do que era no final do século 19. Em 1990, os 20% mais ricos da população detinham 85% da renda (em 1960 detinham “apenas” 70%), enquanto a parcela dos 20% mais pobres caiu para 1,7% (era de 2,3% em 1960). Nos últimos 30 anos, a taxa de desigualdade no mundo mais que dobrou.” Motomura, O. 21 *idéias para o século 21*. Você.s.a., São Paulo: Abril, ano 2, n. 18, p. 40/41. dez. 1999.

¹¹ Souza, O. A. R. de. *Transformações em Direito do Trabalho: Incitações à reflexão*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC. 2000. p. 49.

¹² Souza, O. A. R. de. Op. cit. p. 47/48.

prosperidade e igualdade” afirmam Bob Davis e Davi Wessel, no livro Prosperidade.

(...)

“Daqui a alguns anos, os países terão de ter mais ou menos a mesma taxa de juros, o mesmo sistema tributário, uma conduta fiscal sólida, uma política monetária responsável. Ficarà cada vez mais difícil para um país isolado ser muito diferente do resto do mundo.” Revista Exame, 25 de agosto de 1999, p. 128¹³.

No entanto, para esperança o ceticismo, ao menos se se esperar, na economia, a inversão da lógica da acumulação. Dallegrave¹⁴ aponta com precisão os paradoxos da argumentação neoliberal:

(...). Primeiro, trazido por Paul Krugman, refere-se ao paradoxo da tecnologia da informação tão apregoado no atual contexto: “vivemos numa era de progresso muito mais eficiente do que antes, no entanto onde estão as recompensas? O padrão de vida comum não parece estar melhorando. Se somos tão capazes, por que não somos mais ricos?

O Segundo é a já conhecida “contradição do consumo”: se o capitalismo hodierno mais do que nunca precisa de consumidores para sua larga produção, porque, então, o sistema neoliberal não apresenta política de “compensações” aos elevados números de desempregados considerados excluídos da lei do mercado? (...)

Ainda como um Terceiro paradoxo do modelo econômico atual, mencione-se a usurpação da lei de mercado pelos próprios capitalistas. Os mesmos teóricos, sequazes das idéias de Hayek de liberdade do capital e império da lei de mercado, armam suas maliciosas estratégias de manipulação do mercado na calada da noite. Refiro-me às execráveis práticas de cartel e dumping amiudemente delatadas pela mídia.

Da economia financeirizada, nos moldes expostos, tem-se que o trabalho humano é uma das muitas variáveis - totalmente dispensável, conforme o investimento - na equação para obtenção do lucro¹⁵. Esta conclusão implica no questionamento angustiante: como a produção da manutenção da vida humana não privilegia o homem?

Se o trabalho humano tem sido a forma que, durante a história da humanidade, garantiu a sobrevivência do homem, o que fazer quando esse homem é dispensável para obtenção da acumulação de capital? Para alguns juslaboralistas modernos, eis a função do direito do trabalho, o auxílio na

¹³ Souza, Souza, O. A. R. de. Op. cit. p. 49.

¹⁴ Dallegrave Neto, J.A. Op. cit. p. 41.

¹⁵ O postulado keynesiano de que a *retomada do investimento reduz o desemprego* foi infirmado pelo capital. A lógica da acumulação é inflexível, até o presente momento da sociedade. Ainda mais, quando surgem espaços de acumulação virtual na economia, tais como o *mercado de capitais, mercado mobiliário, empresas virtuais na rede de computadores etc.*

distribuição da riqueza, à medida em que *reconstruir suas bases teóricas*¹⁶ e *expandir suas fronteiras regulamentares das atividades humanas*¹⁷.

Em resumo, deste tópico: a mundialização e financeirização da economia aliadas à política (diretrizes governamentais) do neoliberalismo promove, ou contribui, com a precarização da vida humana, àqueles seres humanos que possuem apenas sua força vital para obtenção do sustento. Isto porque se expandiram os nichos de reprodução do capital que abdicam de atividade humana *trabalhadora* em larga escala.

1.2. Causas tecnológicas e organizacionais

Aliadas às causas econômico-políticas, tem-se as causas tecnológicas e, conseqüentes, organizacionais aplicadas pelo capital para sua reprodução.

Tecnologicamente, para alguns setores da economia, é realidade a completa eliminação do trabalho humano. A automatização substituiu o próprio cérebro humano; as máquinas são controladas por máquinas¹⁸. Neste sentido, afirmou Hobsbawn, já identificando a automação como causa da desnecessidade do trabalho humano:

*A tendência geral da industrialização tem sido substituir a perícia humana pela perícia da máquina, trabalho humano por forças mecânicas, expulsando assim as pessoas do trabalho.(...) O crescente desemprego destas décadas (desde 1950) não foi meramente cíclico, mas estrutural. Os empregos perdidos em maus momentos não voltam quando os tempos melhoram: nunca voltam*¹⁹.

Adota-se como essencial o apontamento feito por José Janguê Bezerra Diniz, quanto ao trabalho de Zbigniew Brzezinski, que identificou este último como profeta da sociedade globalizada e tecnológica. Parte dos trechos citados por Diniz revelam seu acerto quanto à desnecessidade do trabalho humano:

1) Numa sociedade industrial, o modo de produção passa da agricultura para a indústria, sendo o uso do músculo humano e animal suplantado pela máquina. Na sociedade tecnocrônica, o emprego industrial cede vez aos serviços, com a automação e a cibernética substituindo a operação das máquinas por indivíduos;

¹⁶ Robortella, L. C. A. *O moderno direito do trabalho*. São Paulo: LTr. 1994.

¹⁷ Mannrich, N. *A modernização do contrato de trabalho*. São Paulo: LTr. 1998.

¹⁸ Silva, C. A. Barata. *O desenvolvimento tecnológico e o direito do trabalho*. in: Estudos de Direito do Trabalho - Anais do Cinquentenário da Justiça do Trabalho. Curitiba: Juruá. 1992.

¹⁹ Hobsbawn, E. *Age of extremes (the short twentieth century: 1914-1991)*. (a era dos extremos: o pequeno século vinte). London: Michael Joseph Apud Ianni, O. Op. cit. p. 5.

2) *Os problemas de emprego e desemprego - para não citar a prévia urbanização de mão-de-obra pós-rural - dominam as relações entre empregadores, o trabalho e o mercado na sociedade industrial, e a garantia do bem-estar mínimo as novas massas industriais é causa de grande preocupação. Na emergente nova sociedade, as questões relativas à obsolescência da habilidade, segurança, férias, lazer e divisão de lucros dominam as relações, e o bem-estar psíquico de milhões de trabalhadores, relativamente seguros, mas potencialmente sem finalidade, da classe média inferior, tornam-se um problema crescente*²⁰. (...)

Ianni, apoiado em Marx, assinala para o fundamento desta reestruturação:

*Ocorre que a dinâmica da reprodução ampliada do capital faz com que o capital constante, investido em máquinas e equipamentos, cresça em escala proporcionalmente maior do que o capital variável, destinado à compra de força de trabalho. Daí resultam freqüentes surtos de superpopulação, quando uma parte dos trabalhadores se torna residual ou excedente. “É certo que ao crescer o capital total, cresce também o capital variável, destinado à compra de força de trabalho absorvida por ele, mas em uma proporção constantemente decrescente. (...) A acumulação capitalista produz constantemente, em proporção à sua intensidade e à sua extensão, uma população operária excessiva para as necessidades médias de exploração do capital, isto é, uma população operária residual ou excedente.” (Marx, 1946/1947, p.711)*²¹

A necessidade de competir no mercado globalizado fez com que as empresas investissem e absorvessem as novas tecnologias²². São novos equipamentos; novas estratégias de *marketing*, novas mentalidades de concertação entre capital/trabalho, novas e menores margens lucrativas.

A possibilidade de investimento em tecnologia levou a empresa a encontrar novas formas de gerenciamento dos recursos humanos, para obtenção de *menor custo operacional*. Destacam-se, neste campo, a reengenharia²³ e a readministração²⁴. Tanto uma como outra, adequadas ao

²⁰ Diniz, J. J. B. Op. cit. p. 41.

²¹ Ianni, O. Op. cit. p. 5.

²² Instrumentos eletroeletrônicos, cibernéticos e informacionais que permitem a produção, controle da produção e manutenção das falhas de produção.

²³ Reengenharia é o repensar fundamental e a reestruturação radical dos processos empresariais que visam alcançar drásticas melhorias em indicadores críticos e contemporâneos de desempenho, tais como: custos, qualidade, atendimento e velocidade. Hammer, M. & Champy, J. *Reengenharia. Revolucionando a empresa*. Rio de Janeiro: Campus. 1994.

²⁴ Readministração é forma de gerir as organizações, de um lado, organizações eficientes, eficazes e efetivas e, de outro, indivíduos satisfeitos e recompensados com e pelo que fazem. (...) Organização eficiente é aquela produtiva, eficaz é aquela que atinge de forma sistemática e continuada os resultados planejados e, finalmente, organização efetiva é

*toyotismo*²⁵, modo mais flexível e adequado à mobilidade do capital internacional. FARIA traz uma visão bastante completa do mecanismo e campo de atuação da empresa, no cenário mundial:

*(...) Graças a um crescente “upgrading” dos fatores de produção, as empresas passam a adotar estruturas descentralizadas, nas quais predomina uma tríplice relação de parceria: (a) a do capital com o trabalho qualificado sob a forma de “redes de locação, subempreitada e contratação” (mais conhecidas como “terceirização”); (b) a dos setores de “montagem” com as cadeias fornecedoras, valendo-se dos contratos de pesquisa, de franquias, de licenças de patentes e de licença de marcas como instrumento de apoio tecnológico às pequenas empresas; (c) e a dos sistemas de cadeias integradas de competição (“network based competition”), formando esquemas competitivos em que as empresas dos países de industrialização recente se integram nos grandes sistemas de produção e/ou distribuição dos países desenvolvidos. Essa tríplice relação de parceria modifica radicalmente a estrutura de custos, relativiza o peso da energia, do trabalho dos produtos finais, viabiliza a fragmentação das diferentes etapas de produção de bens e serviços entre unidades situadas em diversos territórios ou continentes e, por fim, revoluciona os métodos e processos de concepção, fabricação e comercialização*²⁶.

O estudo presidido por Jean Boissonnat atribui à nova empresa as seguintes virtudes: *reativa, flexível, integradora e comunicadora*.

Reativa, pois procura atender rapidamente às condições do mercado e da demanda, mais voláteis e diversificadas do que há pouco tempo. A produção deve adaptar-se a um tempo cada vez mais curto de reação a flutuações de quantidade e de diversidade cada vez mais amplas. É preciso, portanto, reduzir o ciclo de concepção e de produção de novos produtos. Por isso, a empresa deve modificar rapidamente seus processos de fabricação e a gestão de seus fluxos para mudanças de produto. Deve

aquela que leva em consideração sua responsabilidade pública, cultivando a ética em seu desempenho. Indivíduo satisfeito e recompensado é indivíduo feliz. Caravantes, G. & Bjur, W. Readministração em ação: a prática da mudança rumo ao sucesso. São Paulo: Makrin Books. 1996. p. 27.

²⁵ Diante dos objetivos deste estudo, não se vai aprofundar os conceitos de *toyotismo* e seu antecessor o *fordismo*. No entanto, as características essenciais são: no fordismo, com base nas orientações taylorianas, a produção é fragmentada e cada trabalhador *constrói* uma parte conforme a *linha de montagem*. O controle da produção é feito pelo *chefe*. No *toyotismo* o trabalhador exerce várias funções e deve estar habilitado em todos os setores da empresa. A produção é flexível para se adaptar às demandas específicas e variáveis. Para conceitos mais profundos, tem-se o artigo de Mello, P. J. S. *Globalização e reestruturação produtiva do fordismo ao toyotismo*. In: *Globalização, Neoliberalismo e o mundo do trabalho*. Curitiba: Edibej. 1998. *apud* Dallegrave Neto, José Affonso. Op. cit. p. 33 *et seq*

²⁶ Faria, J. E. *Os novos desafios da Justiça do Trabalho*. São Paulo: LTr. 1995. p. 60.

preparar-se para as avarias e falhas mecânicas e, portanto, ter instalações confiáveis.

Flexível, para melhor satisfazer esta exigência de reatividade. A flexibilidade pode limitar-se a uma ágil utilização dos recursos materiais e humanos sem pôr em risco os princípios de gestão. Mas além dessa abordagem restrita, uma outra concepção de flexibilidade visa a simplicidade do conjunto da organização como um todo. Nessa acepção, a estrutura e as funções internas da empresa se vêem por isso perturbadas.

Integradora, pois visa considerar globalmente todas as fases e todos os tempos de produção para obter sinergias e complementariedades para otimizar o todo. Esta noção de integração põe em discussão as fronteiras da empresa, a distribuição de suas atividades com outras empresas do mesmo ramo ou da mesma linha. A integração pode chegar ao ponto de associar os assalariados à definição da estratégia da empresa.

Comunicadora, a empresa taylorista não o era. A mudança está em curso; ela incide na maneira de redefinir a atividade numa fábrica. Com efeito, a comunicação entre pessoas ou grupo de pessoas é posta no centro do conjunto dos intercâmbios ligados à interconexão dos processos, das máquinas e à circulação das matérias-primas e dos produtos²⁷. (sem grifos no original)

Aliada a essas virtudes tem-se a criação, pelo *toyotismo*, dos sistemas de *kanban* e *kaisen* para controle da produção²⁸. Eles impõem a organização em grupos de produção e controle mútuo das qualidades dos serviços individuais. Utiliza-se da informatização para ditar o ritmo e visualizar a etapa que provocou o erro. Como incentivo, tem-se a remuneração por produção, mas apenas das peças com o padrão de qualidade exigido. Acrescente-se que não há constância dos membros da equipe, nem das peças produzidas é o que se denomina *just-in-time*.

Esses novos modelos de gerenciamento dos recursos humanos valorizam e promovem um trabalhador multifuncional²⁹, altamente

²⁷ Boissonnat, J. 2015 - *Horizontes do trabalho e do emprego*. Relatório da comissão presidida por Jean Boissonnat. (trad. Edilson Alkmim Cunha). São Paulo: LTr. 1998. p. 64/65.

²⁸ Hoje, no mercado encontram-se os derivativos sistemas de controle de qualidade ISO's, ou outros com a lógica semelhante.

²⁹ Aparentemente, para os *ungidos* detentores de habilidades interessantes ao capital e, portanto, *agraciados com um posto de trabalho*, seria garantido treinamento para entender o todo e realizar-se com a atividade desenvolvida.

Contudo, a esquizofrenia das relações de trabalho desse mundo globalizado é uma das contradições mais sérias e características. Contradição porque um empregado que ocupe mesmo potencialmente várias funções teria condições de entender o processo produtivo e sua contextualização. No entanto, mais e mais o trabalho humano é pontual e descentralizado. Mais e mais o trabalhador perde a noção do seu contexto, até porque não se identifica ou, às vezes, sequer entra em contato com o fruto de seu *fazer*, às vezes sequer a empresa. Daí a esquizofrenia. Em verdade, o trabalhador não está em contato com a *decisão* de quando sair de uma função e ir para outra. Dele é exigida a adaptação e

adaptável³⁰ e altamente produtivo, o que o leva a ocupar vários espaços dentro da organização da empresa. Uma análise externa, conclui, onde havia lugar para 3 (três), 1 (um) está ocupando e, extremamente, ocupado. Logo, há *desemprego* ou *desnecessidade* estrutural.

Em resumo: a conjugação de *novas tecnologias de produção* e *novas mentalidades administrativas e mercadológicas* impõe um perfil *situativo* à empresa. A organização deve ser capaz de localizar e eliminar as causas da diminuição ou perda de lucratividade, inclusive, sendo o caso, a mão-de-obra³¹. Daí a precarização do trabalho humano e dos postos de trabalho, bem como fim da política de pleno emprego *keynesianas* e aumento de salário como forma de inserção do trabalhador na economia.

1.2.1. Uma ilustração do impacto da tecnologia no trabalho humano

Seguindo a conclusão do item acima, a presente ilustração serve para analisar a total desarticulação do trabalhador com o produto de seu trabalho, em grande parte dos serviços e em quase a totalidade da produção industrial.

Externamente, a tecnologia diminuiu os postos de trabalho. Internamente, ela promove: a aceleração no tempo de produção e com a agravante de sistemas mais e mais complexos; a invisibilidade do *fazer humano*, ou seja, há apenas resultado parcial e muitas vezes virtual; retira do trabalhador o poder de decisão sobre a qualidade do seu *fazer*, do seu *metiê*, ou seja, o equipamento produz, ele gerencia falhas e com velocidade estonteante deve solucionar.

A tecnologia aliada à forma de gerenciamento leva ao aumento da velocidade e risco do trabalho e à transformação cultural do produto do trabalho - o gesto de trabalhar. Estudo elaborado por Alice Itani³², sobre os serviços de transportes, traz conclusões essenciais para compreensão do impacto da tecnologia no trabalho.

Desta forma, a introdução de novas tecnologias: 1) interfere na compreensão pelo trabalhador do que seja o resultado de seu trabalho, o que

não resistência à mudança. A única certeza é que *tudo o que é sólido desmancha no ar* - para lembrar MARSHAL BERMAN -, só resta a incerteza do dia seguinte.

³⁰ Basta lembrar o chamado IRM - índice de resistência a mudança - levado em consideração nas avaliações e cursos de aperfeiçoamento de pessoal.

³¹ A existência da tecnologia e das novas forma de gestão dos elementos de produção de bens e serviços necessitavam de um aparato jurídico legitimador: institutos como a *terceirização* ou *pulverização* da produção estudada por Robortella, L. C. A. *O moderno direito do trabalho*. São Paulo: LTr. 1994; e *flexibilização* estudada por Nassar, R. de N. S. A *flexibilização do direito do trabalho*. São Paulo: LTr. 1991.

³² Itani, A. *O trabalho, sua invisibilidade e seu estudo*. Algumas considerações a partir do trabalho nos serviços dos transportes. In: Revista Tempo Social. V. 8 (1). São Paulo: USP. Maio de 1996. p.161-194.

afeta diretamente seu profissionalismo e o prazer do trabalho; 2) tem por consequência a reestruturação dos valores atribuídos às funções na organização da empresa³³.

Para a primeira situação, a autora faz a análise do comportamento do piloto diante de nova forma de pilotagem:

Um outro grande impacto decorrente das inovações nos equipamentos dos transportes é verificado na aviação. Dentre os problemas encontrados pelos pilotos de avião com as inovações está o de incorporar os novos modelos de pilotagem. Com a entrada dos novos modelos de equipamentos, os pilotos vivem a experiência de um não gesto. As novas formas de pilotagem foram introduzidas dentro dos novos modelos de equipamentos, notadamente nos equipamentos de design mais avançados de aviões, onde a direção não é mais com o manche mas com um modelo de direção semelhante ao stick. É o caso, por exemplo, dos equipamentos McDougall MD-11. Nota-se, dentre os pilotos entrevistados, uma certa unanimidade em considerar o modelo MD-11 muito ruim e sobretudo difícil pilotar. Para estes, o novo modelo não possibilita uma boa noção de controle do comando da aeronave. Considera-se que o novo modelo de manche, apresenta dois aspectos negativos. Um primeiro, e que pode ser evidenciado pelos depoimentos, é a forte resistência em romper com um gesto operatório, já bem consolidado, baseado no modelo de pilotagem com comando à manche. Segundo, o novo modelo associa-se a um jogo infantil³⁴.

A tecnologia, neste primeiro aspecto, cria mecanismos que desvinculam o gesto do trabalhador e um resultado prático real. As atividades ligadas aos sistemas de controle informatizados revelam isto. Estas atividades são realizadas apenas com os *olhos*, *monitorando* o sistema produtivo e *teclando* comandos para solucionar as falhas. É o caso do controlador de vôo, seu trabalho consiste em coordenar os pontos na tela que possui diante de si, seus erros representam a perda de centenas de vidas, muito embora, fisicamente, ao final do trabalho nada tenha produzido, ou melhor, não produziu um acidente.

³³ Essa adaptação pode ser tão drástica que leva à morte súbita. O conceito de morte pelo trabalho - *karoshi* - foi desenvolvido pelos trabalhadores japoneses que suportaram o aquecimento da sua economia - fruto do sistema Bretton Woods - e implantação do *kanban* e o *kaisen*. A recomposição das partes independentes e autônomas da personalidade do indivíduo é fruto de uma terapia. Os choques elétricos não são garantia de reconstrução desse "eu" fragmentado. Da mesma maneira, a alteração constante do que e como produzir é comparável ao choque elétrico...Mas talvez a intenção seja só anestésiar o paciente...

No aspecto cultural da globalização, vai-se estudar melhor essa desarticulação do trabalho e da identidade do trabalhador com o seu fazer *produtivo*.

³⁴ Itani, A. Op. cit. p. 172.

Na seqüência, Itani faz sua análise sobre a alteração do gesto de pilotar e amplia suas conclusões sobre as representações ligadas ao instrumental do trabalho:

(...) Aceitar o novo modelo do stick esbarra também na enorme dificuldade em conviver com uma nova noção da profissionalidade. A noção de pilotagem é construída dentro de altas exigências de profissionalismo, dada a responsabilidade que lhe é atribuída e tecida com imagens representativas associada a prestígio e status. Nesse contexto, o comando é o “próprio fetiche da pilotagem”. Como esse modo de pilotagem está associado a um determinado conjunto imaginário operacional, incorporar a nova pilotagem com imagem associada a um jogo infantil pode requerer um rompimento com as noções representacionais. (...)

(...) A transformação do trabalho que vem ocorrendo atualmente, mais perversa do que a do maquinismo, vem significando uma transformação do gesto que provocou uma ruptura perversa entre o gesto e o fazer. Em um dos depoimentos, um controlador de tráfego consegue expressar claramente esse conjunto vazio que se criou na intersecção entre o gesto físico e o trabalho operatório: “no final do dia não fiz nada, não tem nada registrado, mas estou morto de cansado”³⁵. ”

Para o segundo ponto, tem-se que com a realização de grande parte das operações seja do serviço, seja da produção, feita por máquinas, o trabalho humano ganha dimensão no controle dos sistemas de gerenciamento das máquinas ou prevenção de falhas. Assim, há a inversão das funções e suas importâncias, ou, ao menos, adequadas constantemente aos novos sistemas de controles.

Com a tecnologia da informação, por conseguinte, as funções mais estratégicas no controle do funcionamento possuem maior importância dentro da recomposição do conjunto de postos. No conjunto de uma mudança no conjunto das funções, constata-se um maior peso que é atribuído, sem dúvida, para a engenharia de sistemas e para os sistemas de controle, notadamente de tráfego. A condução do trem, que carregava a função essencial nesse transporte e cujos profissionais exerciam um poder de controle sobre a produção, perde sua importância e seu brilho para os sistemas de controle do tráfego. Também, com o controle da ocorrência de riscos requer-se muito mais de um sistema de prevenção de falhas. Por conseguinte, o trabalho de manutenção preventiva coloca-se dentro de um papel de maior importância para atender uma maior exigência de cuidados para a operação, o que a torna fundamental, agora, dentro do processo de produção. Mais que isso, o trabalho de manutenção passa a ocupar uma posição estratégica essencial, constituindo-se como parte muito mais

³⁵ Itani, A. Op. cit. p. 173.

*presente no próprio processo de produção, assumindo, assim, um papel que não é mais de retaguarda ou suporte, mas parte da produção em si*³⁶.

Itani apresenta uma solução para a adequação e retorno ao prazer de trabalhar. Acredita que entre a regra e a execução há diferença, daí a necessidade insofismável de sistemas de prevenção de falhas de programação. Entende que a análise comportamental do *fazer do trabalhador*, principalmente, nas transgressões da regra, identifica as adequações, ou *gambiarras*, feitas para suportar ou melhorar o sistema. Identifica que essas adequações são expressão de um *fazer coletivo*, logo uma *representação coletiva*, nos termos de Castoriadis³⁷ e Aulagnier³⁸.

Contudo, há que se tecer uma crítica, posto que a inexistência do chefe na estrutura *toyotista* e a alta rotação das equipes e procedimentos a serem absorvidos e executados, o único elemento de identidade entre os trabalhadores é a participação nos resultados, ou seja, o salário produtividade. Dia-pós-dia, há uma nova *missão* a cumprir. Há definição da *pauta* e *execução* conforme programação. O controle é feito pelos companheiros de equipe e possui uma implicação direta nos salários. Não há uma identidade para o questionamento da organização através da *sabotagem*, não há *resistência*.

As *gambiarras* se não forem reprimidas pela equipe serão adequações pessoais/individuais. O risco de diminuir a produção programada/meta e de ser reprimido em caso de falha é elemento castrador da *decisão de inovar o fazer humano programado*. Assim, impera a esquizofrenia das relações comportamentais contemporâneas.

Em resumo: a tecnologia aplicada à produção de bens e serviços, *interna corporis*, promove a desarticulação do *fazer humano* e seu resultado, afastando o trabalhador da consciência do todo, até porque o todo pode ser composto do outro lado do mundo ou, ainda, ele, trabalhador, nunca ter acesso ao consumo do que auxilia produzir.

1.3. Causas culturais

Se as questões tecnológicas e econômico-políticas estão determinando - ou, em parte, contribuindo - para o desemprego estrutural globalizado, há que se questionar se a cultura³⁹ desenvolvida a partir deste

³⁶ Itani, A. Op. cit. p. 169.

³⁷ Castoriadis, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil. 1975.

³⁸ Aulagnier, P. *Les destins du plaisir*. Paris: PUF. 1979.

³⁹ Maria Regina Maluf, pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, investigando a inserção da cultura em sua ciência, traz diversas conceituações:

O termo cultura designa a originalidade e especificidade das sociedades humanas, mesmo considerando que os grupos humanos podem partilhar elementos culturais análogos. Pode-

choque com a mundialização está a promover comportamentos universais e locais que caracterizam estas novas pessoas⁴⁰ no mundo, seus conflitos e expectativas.

Esta abordagem entendeu-se necessária, porque a ciência jurídica como expressão cultural⁴¹ influenciará e será influenciada por estes comportamentos. Ainda mais, se se está estudando mecanismos jurídicos que irão intervir na relação do trabalho humano com o capital. Não se pode perder de vista esses aspectos culturais da sociedade de consumo mundializada. Em especial a sociedade brasileira recém integrada na democracia neoliberal.

se dizer que, na pesquisa, as culturas são apreendidas simultaneamente em dois níveis: no nível material dos comportamentos e dos produtos da atividade humana e no nível simbólico ou subjetivo das representações coletivas.

Bril & Lehalle (1988, p.12) citam algumas conceituações de cultura, ao desenvolver o tema da universalidade ou relatividade do desenvolvimento psicológico: a conceituação de Herskovitz, para quem a cultura designaria os aspectos do meio que resultam da atividade humana ("the man-made part of the human environment") e a de Geertz, para quem o termo cultural designa um padrão de significações transmitidas historicamente e veiculadas através de símbolos, um sistema de representações herdado das gerações precedentes e expresso sob formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atitudes a respeito da vida. Camilleri (1985), por outro lado, insiste no fato de que as significações marcam a pertinência a um grupo social e resultam dessa pertinência.

Entendemos que a cultura é sempre um compêndio de significações negociadas por indivíduos, sendo que toda discussão a respeito movimenta-se nos inescapáveis limites entre os indivíduos e as sociedades nas quais eles vivem. Torna-se necessário, para compreender as atividades humanas, analisar os sistemas de significações e regras num determinado contexto e compreender o sistema coletivo de significações e regras no qual o indivíduo está inserido. Estes sistemas definem o contexto dentro do qual as regulações individuais ocorrem. Desse modo, como escreveu Eckensberger (1996) a cultura é um sistema de significação e regra, devendo ser parte essencial de qualquer Psicologia. Por esta via a cultura deixa de ser manipulada simplesmente como uma variável independente, pois ela não pode mais ser interpretada como um fator causal, seja ele múltiplo ou único; leis causais se diferenciam então de regras culturais, e a subjetividade (entendida como o nível simbólico das representações coletivas, das significações associadas aos comportamentos ou aos objetos) passa a ser parte de qualquer esforço científico voltado para a reconstrução e predição das atividades humanas. In: *¿A Pesquisa E A Prática Da Psicologia Educacional: Para Onde Vamos?* <http://copsa.cop.es/congresoiberoa/base/educati/Default.htm>

⁴⁰ Aquelas que não estão em zonas mundiais interessantes ao capital e aquelas cuja capacidade e oportunidades, mesmo em zonas interessantes, não promovem uma inserção em atividade valorizadas como produtiva.

⁴¹ O aspecto filosófico (ontogonoseológico) da cultura trabalhado por Miguel Reale em sua obra *"Paradigmas da cultura contemporânea"*. São Paulo: Saraiva. 1995., será abordado de forma difusa no trabalho, até porque representa uma postura para além da centralidade de lutas de classe. No entanto, busca o social-liberalismo em oposição ao pessimismo e ao existencialismo, que mutila e angustia o homem moderno. Não responde, no entanto, como inverter a lógica da acumulação, sem uma revolução, sem uma barbárie, sem a violência. Essas questões, todavia, transcendem a política. Estão na seara da crença e na raiz de tudo. O amor será capaz de inverter a lógica? Para lembrar a proficiência cristã *"eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância"*. (Evangelho de João, capítulo 10, versículo 10).

A pesquisa da literatura acerca da mundialização e seus efeitos culturais - em especial para o trabalho humano - revelou paisagens que se pode nominar de *eletistas-sectárias*, *realistas* e *utópicas*, segundo a análise deste pesquisador.

1.3.1. Uma visão eletista-sectária da paisagem mundial

A primeira delas visualiza-se num mundo para os *ungidos*. São profissionais altamente especializados e amplamente integrados à nova economia e com altos ganhos. Eles têm acesso ao consumo de alto nível e ganharam historicamente o inédito direito de decidir o que fazer do seu futuro⁴². Para estes humanos⁴³ tem-se na literatura *empresarial/business* e nos cursos *MBA - Master Business Administration* um horizonte cultural que vislumbra o *prestígio curricular*, as *artes autênticas*, o *consumo desregrado e de alto nível*, o *belo*, o *autoconhecimento*⁴⁴ o que se dirá a *saúde*, a *estética*, a *educação*, a *informação*, o *ócio* e o *lazer*⁴⁵.

⁴² Drucker, P. *Você está preparado?*. Você.s.a., São Paulo: Abril, ano 3, n. 26, p. 48/51. ago. 2000, afirma: Em toda a história, praticamente ninguém teve a possibilidade de escolher. Acho que até cerca de 1900, mesmo nos países mais desenvolvidos, a maioria esmagadora das pessoas seguia o pai - se tivesse sorte. Havia somente mobilidade para baixo, nunca para cima. Se o pai fosse um camponês em qualquer lugar, você também o seria. Se ele fosse um artesão, você também seria um artesão. E assim por diante. E agora, de repente, um número muito grande de pessoas - ainda uma minoria, mas que está crescendo - pode fazer escolhas. E mais: essas pessoas terão mais de uma carreira. Atualmente a expectativa de vida profissional está beirando os 60 anos. Em 1900, ela era de 20 anos. A expectativa de vida no Brasil, por exemplo, é de 65 anos. Questiona-se para quem está falando Drucker.

⁴³ Os chamados executivos, administradores, empreendedores, facilitadores, analistas, consultores, desde que sejam por conta e risco reprodutores eficazes de capital.

⁴⁴ Morris, T. *Sabedoria Antiga*. Você.s.a., São Paulo: Abril, ano 3, n. 26, p. 52/53. ago. 2000, referindo-se ao seu livro *O verdadeiro Sucesso*, pela editora Cultrix, afirma: (...). *Todo trabalhador no século 21, seja nas linhas de produção, seja nos escritórios, precisará ver a si mesmo como um empresário independente, um vendedor especializado de serviços com uma marca muito especial, conhecida de todos. Só isso nos ajudará a atrair recursos, respeito e oportunidades que manterão o trabalho interessante, a empresa poderosa e as carreiras florescentes. Mas isso requer uma grande dose de autoconhecimento. É pela sua importância nas atividades mais criativas que antigos filósofos, como Tales, queriam que compreendêssemos quão difícil é alcançar o autoconhecimento. No futuro, com todas as suas possibilidades criativas e empresariais, o ramo dos negócios exigirá mais do que nunca essa rara mercadoria. A pergunta que se põe é quem vai financiar quem não tem conhecimento a autoconhecer-se?*

⁴⁵ Destacam-se no início e ao fim desta literatura Rifkin, J. *O fim dos empregos*. São Paulo: Makron Books. 1995. De Masi, D. *O futuro do trabalho*. 3ª. ed. São Paulo: José Olímpio. 1999. *Ócio criativo*. 2ª. ed. São Paulo: Cestante. 2000. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera. 1994.

De Masi⁴⁶ aponta alguns momentos dos avanços tecnológicos, que determinaram a mudança da sociedade industrial, para pós-industrial:

Enquanto, com Taylor e Ford, a sociedade celebrava seu ápice, a ciência e a teoria da relatividade provocaram uma verdadeira revolução no sistema científico do século XIX, abalando os conceitos da física clássica, desde a mecânica até o eletromagnetismo, à teoria cinética. Entretanto, a introdução do automóvel (1885), do avião (1903), dos veículos sobre esteiras (1904), do rádio (1906), da máquina de lavar (1906), do aço inoxidável (1913), da cirurgia plástica (1914), do bulldozer (1923), televisão (1926), dos robôs (1928), do polietileno (1933), do motor a reação (1937), da fissão nuclear (1939), do reator nuclear (1942), do computador (1944), da montagem automatizada (1946), do transistor (1947), do videocassete (1952), da pílula anticoncepcional (1956), do satélite artificial (1957), do som estéreo (1958), do raio laser (1960) e depois do computador pessoal, do fax, dos telefones celulares, das biotecnologias, dos mais recentes fármacos, todas essas inovações enfeixaram-se numa verdadeira mudança de época da civilização⁴⁷.

Com base nestas mudanças, projeta De Masi um futuro do ócio, uma vez que o modelo capitalista⁴⁸ conseguiu solucionar o problema econômico, pois produz os bens suficientes ao atendimento das necessidades absolutas da população⁴⁹. Sendo que esta solução quebrou com o postulado keynesiano de pleno emprego e integração do trabalhador ao mercado, através do aumento de salário.

Dallegrave traz as linhas gerais do pensamento de Rifkin sobre a desnecessidade do emprego:

Para este autor, inicia-se hoje a fase de declínio sistemático dos empregos. A indústria do software agrícola e a chamada engenharia genética e seus produtos transgênicos levarão ao declínio das fazendas e da mão-de-obra

⁴⁶ De Masi, D. Apud Souza, O. A. R. de. *Transformações em direito do trabalho: incitações à reflexão*. São Paulo. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Inédito. 2000. p. 36.

⁴⁷ Giglio focaliza as inovações tecnológicas informacionais como ponto central da alteração do mundo pós-industrial. "(...) em meados do século passado Samuel Morse inventou o telégrafo, em 1876 Graham Bell inventou o telefone, e em 1895 os irmãos Lumière fizeram a primeira projeção em película cinematográfica. Seguem-se, 1935, a primeira transmissão de imagens pela televisão e a construção de computadores e micro-processadores de dados. Estes últimos eventos, que vieram possibilitar a divulgação quase instantânea de informações, talvez tenham sido os que mais relevantes conseqüências apresentaram do ponto de vista social." Fundamentos do Processo Trabalhista in: Estudos de Direito do Trabalho e de Processo do Trabalho em homenagem a J. L. Ferreira Prunes. São Paulo: LTr. 1998. p. 223.

⁴⁸ Souza, O. A. R. de. Op. cit. p. 40 et seq.

⁴⁹ Nesta lógica tem-se as obras dos milenaristas: O fim da ideologia de Daniel Bell; O fim do Trabalho de Michel Drancort; O fim da história de Fukuyama; O fim dos empregos de Jeremy Rifkin. Apud Souza, O. A. R. de. Op. cit. p. 42.

do campo. A maior atividade fabril do mundo, a indústria automobilística, está gerando cada vez menos empregos em face da robotização. Por conseguinte, as indústrias siderúrgicas atreladas ao setor automotivo estão seguindo o mesmo rumo, o da reengenharia que propõe a redução da mão-de-obra.

Da mesma forma, o setor de serviços está enxugando seu quadro de pessoal em face das inovações tecnológicas, sobretudo o aperfeiçoamento dos computadores capazes de compreenderem a fala através dos chamados operadores de silício, lerem textos via aparelhos scanner ou executarem tarefas antes desempenhadas por seres humanos. O desenvolvimento do setor de telefonia é um dos principais incitadores do desemprego, através de suas inovações com redes de cabos de fibras ópticas, sistemas de chaveamento e transmissão digital, comunicação de escritórios que passam a eliminar o papel, tornando-se, verdadeiros escritórios virtuais⁵⁰.

Nesta linha de raciocínio, se o trabalho (emprego) não é mais necessário⁵¹, cabe à sociedade equalizar novas formas de distribuição da riqueza, talvez valorizando atividades que até então não o eram.

O ponto central que não é respondido por essa linha de argumentação é: *Quem vai pagar a conta? Como inverter a lógica de acumulação? Quem vai financiar a conscientização?* Talvez o ócio tedioso dos ricos no futuro ou a futilidade filantrópica. Pensamento eletista e sectário ... Não se tem respostas satisfatórias, apenas apanágios e esperanças.

1.3.2. Uma visão realista da paisagem mundial

A segunda paisagem é traçada com base na constatação de que a globalização econômica causou danos irreversíveis à cultura. Admite-se a existência de categorias universais que poderiam promover a aglutinação da raça humana, o que traria esperança para uma *resistência ao capital* ou, ao menos, uma *revalorização das formas de apropriação do capital e sua distribuição*.

No entanto, afirma que as desigualdades no mundo são estruturais, vale dizer, fazem parte do modo de produção capitalista. Não se vislumbra, portanto, o *mecanismo que vá inverter a lógica da acumulação*. Mantêm-se

⁵⁰ Dallegrave Neto, José Affonso. Op. cit. p. 31.

⁵¹ O aumento e a tendência cada vez mais crescente de práticas de acumulação com base na exploração e não na otimização dos recursos humanos leva à compreensão do que seja privação de direitos, características da sociedade brasileira. Conforme pesquisa de Vera da Silva Teles os efeitos concretos da privação de direitos "são a *contraface da ausência de um espaço público de pertencimento, em que seus interesses, razão e vontades possam ser elaborados e reconhecidos como demandas legítimas; daí que falar dos direitos não significa, sobretudo, falar de uma forma de se conceber o lugar dos indivíduos na sociedade e as reciprocidades e responsabilidades que esses lugares demandam.*" *A pobreza como condição de vida: famílias, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas*. In: São Paulo em Perspectiva. vol. 4. n. 2. São Paulo: Fundação Seade. 1990.

a vida coletiva e individual fragmentada, irracional, violenta e sem perspectiva temporal - vive-se apenas o presente. Nessa ótica local e regional, propõe soluções prioritárias próximas. Afirmar ser possível, aos que podem, promover atuações locais, mesmo com a consciência de que novos distúrbios virão⁵².

Enzensberg, primeiramente em uma macrovisão, diz ser falsa a visão desenvolvimentista apregoada pelo neoliberalismo. Falsa é a visão, ou classificação, entre países ricos/desenvolvidos/industrializados e países pobres/subdesenvolvidos/não industrializados, para justificar as mazelas e desigualdades. Há ricos e pobres em todos os países do mundo. As diferenças estão crescendo assustadoramente em todos os cantos. Isto porque o capital não tem pátria e o bem estar social existe enquanto houver interesse. Ele, o capital, migrará para nova região, assim que visualizar novas formas de reprodução ou acumulação.

Teorias de que a pobreza se explica apenas por fatores externos são alimentos baratos não apenas à indignação moral. Elas possuem uma vantagem a mais: servem para o desencargo de consciência dos poderosos do mundo pobre e põem a responsabilidade da miséria exclusivamente sobre os ombros do Ocidente, que, aliás, foi há pouco rebatizado com o nome de “Norte”. Pode-se ouvir de africanos, que se deram conta desse truque, que pior do que ser explorado pelas multinacionais é não ser explorados por elas. (...)

Ilações insanas desta ordem desempenham um papel importante também no caso das guerras civis moleculares, com a diferença de que elas são dirigidas principalmente a estrangeiros, judeus, coreanos, latinos e ciganos - os responsáveis pela miséria, de acordo com a paranóia dos perdedores. Todas essas conspirações fantasiosas servem apenas para turvar a terrível verdade: tanto em Nova York como no Zaire, tanto nas metrópoles como nos países pobres, é cada vez maior o número de pessoas excluídas definitivamente da vida econômica. Já não vale mais a pena explorá-las. (...)

Essa concepção desenvolvimentista é fundamentalmente otimista. Superados os antigos e tradicionais modos de produção e mentalidades, nada mais obstruiria o caminho para um futuro feliz. As sociedades atrasadas precisariam seguir apenas a trilha de seus precursores progressistas para alcançá-los. Mas, infelizmente, esse modelo histórico-filosófico está, ele próprio, defasado. Pois o projeto de modernização fracassou; não se apresenta solução alguma para aqueles “que ficaram para trás”, não importa onde eles estejam. Por razões ecológicas, demográficas e econômicas, o desnível de modernização jamais poderá ser corrigido; pelo contrário, ele aumenta a cada ano. Todos sabem disso, do

⁵² Essa perspectiva é defendida por Enzensberge, H. M. *Guerra Civil*. (trad. Marcos Branda Lacerda e Sérgio Flaksman). São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

*trabalhador rural “sem-terra” e o metalúrgico desempregado ao apático delinqüente e o confuso líder de gangue*⁵³. (sem grifos no original)

Continua o ensaísta alemão, apoiado em Hannah Arendt, agora com uma microvisão, sobre o cotidiano da guerra civil e seus integrantes - ou seja, toda a sociedade - com o fim de traçar as diferenças do perigo no passado e o perigo hoje. Este padrão de comportamento traz à tona as características da sociedade e do homem moderno⁵⁴: solidão, egoísmo, desesperança e venalidade.

Provavelmente, jamais faltou ódio ao mundo; no entanto, ele [então] evoluiu ao ponto de tornar-se um fator político decisivo em todos os assuntos públicos ... O ódio não pôde concentrar-se realmente em nada e não encontrou ninguém que pudesse justificá-lo, fosse o governo, a burguesa ou as respectivas forças estrangeiras. Desta forma, penetrou em cada poro da vida cotidiana e pôde disseminar-se em todas as direções e assumir as formas mais fantásticas e imprevisíveis... Cada um passou a ser contra cada um e, sobretudo, contra os vizinhos...

⁵³ Enzensberge, H. M. Op. cit. p. 30 et seq.

⁵⁴ A forma imperialista da sociedade contemporânea que se impôs pela morte do trabalho manual (substituído pelo trabalho mecanizado), pela morte das empresas isoladas (substituídas pelos monopólios e cartéis) pela divisão territorial do mundo e pela exportação de capitais começa a ser decodificada, no início do século XX, precisamente por suas próprias práticas. E, como produto dessas novas práticas, tem-se uma estranha figura jurídica, agora, em primeiro plano do cenário social: a figura do *devedor*, da figura do *credor* !

Centralizada a figura do credor como o personagem principal de um período histórico, (que evidentemente tem como seu oposto a figura do banqueiro ou do especulador) pode-se inferir o processo de deterioração do nível de vida das massas desempregadas, nesse estágio da sociedade. Da mesma forma pode-se inferir os tipos de comportamento para reprodução da vida que serão criados como alternativas de sobrevivência na fase do capitalismo financeiro. *Oportunismo, parasitismo, venalidade, dependência, corrupção, corrupção, alienação, desesperança, entre outros comportamentos, passam a assegurar a existência desse mesmo modo de produção ...*

Neste quadro cresce a miséria, a subalimentação mata em números cada vez maiores, o desemprego alia-se aos baixos salários. Aprofunda-se a diferença entre as classes sociais, embora os homens já saibam historicamente como se realiza a riqueza e que da desigualdade só os ricos se beneficiam. Todos sabem como se realiza o trabalho produtivo. Todos sabem das conseqüências sociais da época da automatização. Ninguém deixa de perceber quais são as conseqüências sociais advindas do processo de produção realizado preferencialmente por um sistema automático de máquinas. A lógica social não é mais mistério.

No entanto, apesar da consciência desse processo, contraditoriamente cresce a venalidade, o parasitismo, o oportunismo, a corrupção como características inerentes a essa lógica econômica, instituída e politicamente aceita. No mercado nada mais tem efeito regulador, avaliador, posto que sequer a Livre Concorrência, de fato, existe nos termos anteriores. Aumenta, neste mercado, a especulação que passa a ter importância multiplicada nesta forma mais avançada da produção capitalista, da produção social não-planejada”(sem grifo no original). Nagel, L. H. Produção da vida - Produção da Arte: análise da sociedade e da produção artística do século XIII ao século XX. Apontamentos, n. 02. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. Abr. 1992.

Mas o que distingue as massas modernas dos bandos [de tempos passados] é a abnegação e o desinteresse no próprio bem-estar... Abnegação interpretada não como uma qualidade positiva, mas como um sentimento segundo o qual não se é afetado pelos acontecimentos e pode-se ser substituído por outro a qualquer momento e em qualquer lugar... Esse fenômeno de uma radical perda em si mesmo, essa indiferença cínica ou enfasiada com que as massas defrontavam-se com a própria destruição, era completamente inesperado... As pessoas começavam a sofrer de uma perda do senso comum normal, da capacidade de discernimento, assim como de um fracasso não menos radical do mais elementar instinto de autopreservação. [texto de Arendt]⁵⁵ (sem grifos no original)

Enzensberg traz, a perda do valor da *própria existência*⁵⁶, como característica da solidão congênita moderna, seja do pobre⁵⁷ pela *imobilidade de sua vida*, seja do rico pela *futilidade ilimitada de sua vida*. Retorna-se à mente primitiva, infantil, que lida apenas com o imediato concreto⁵⁸. Daí *engajar-se*⁵⁹ em uma aventura autodestrutiva no cotidiano, a fim de externar seu ódio contra a própria condição de vida e de alcançar as luzes do reconhecimento de uma *mídia funesta*. “Um dia, ainda, saio no jornal ...”

⁵⁵ Enzensberge, H. M. Op. cit. p. 22.

⁵⁶ Daí os índices assustadores de suicídio nos países ricos como Japão, Holanda, Dinamarca, Suécia, Alemanha, bem como os índices de alcoolismo e drogas nos campos e favelas do Brasil.

⁵⁷ Dentro da perspectiva de luta de classes defendida por Ianni, ele seria oriundo da subclasse que tem como características minorias raciais, desempregados por longo tempo, aqueles sem e sem acesso à especialização e treinamento pessoal, aqueles com longa dependência do assistencialismo, aqueles quimicamente dependentes, etc.. Ianni, O. Era do Globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996. p. 175

⁵⁸ A psicologia como ciência que estuda o comportamento humano possui inúmeras áreas e sub-áreas, que produzem diferentes teorias explicativas. No entanto, parece consensual, para grande parte delas, que o homem em seu desenvolvimento segue a tendência de agir inicialmente sobre o mundo a partir de suas experiências sensíveis e imediatas. Posteriormente, com as diferentes mediações que estabelece (com outros indivíduos e com a produção social e material existentes), tende a agir de modo sociável (criando e reproduzindo as convenções sociais de uma época e cultura), como estudaram Jean Piaget, Vygotsky, dentre outros.

Todavia, a condição do homem contemporâneo tem inquietada a psicologia e outras ciências humanas, visto que esse processo humano tem se efetivado plenamente. Cada vez mais os indivíduos encontram dificuldades em estabelecer relações interpessoais fincadas em fortes laços societários (casamentos, amizade, familiares, trabalhos).

⁵⁹ (...) O que confere à guerra civil de hoje uma qualidade nova e sinistra é que ela se dá sem que haja qualquer necessidade de mobilização; isto é, que nela se trata *absolutamente de nada*. Com isso, ela se torna um retrovírus da política, desde que vejamos na política não apenas uma discussão sobre interesses de poder e recursos materiais, mas também sobre perspectivas para o futuro e, portanto, sobre a realização de ambições, projetos e ideais. (...), onde não se atribui valor algum à própria vida, ou à dos outros, isso já não é mais possível. [a política]. Enzensberge, H. M. Op. cit. p. 26.

Diniz, com base no estudo de Ismar de Oliveira Soares⁶⁰, traz as afirmações de Ramonet: “Nas democracias atuais, mais e mais os cidadãos se sentem engolidos, lambuzados por uma espécie de doutrina viscosa que envolve e embala toda rebeldia, anulando-a, desorganizando-a, sufocando-a. Esta doutrina é a do pensamento único, autorizado e controlado por uma invisível e onipresente política de opinião”. Diniz extrai suas conclusões sobre o fenômeno da compreensão humana massificada:

Nas grandes cidades o indivíduo não percebe mais o sentido de cidadania, não mais participa da vida política do seu meio; ele próprio se perdeu no seu meio; dentro de uma rotina de trabalho o proletário-consumidor apenas se sente impotente ante um mundo em que cada vez menos relações intersubjetivas são travadas - elas se despersonalizam, porque o mercado, que é esta grande cidade, se despersonaliza - ...o sentido de poder exsurge na possibilidade de estar livre, livre para consumir⁶¹.

Jean Baudrillard, um dos estudiosos da sociedade de consumo e do comportamento humano, traz uma visão das relações interpessoais contemporâneas no mundo, ou *Big Apple*:

Em Nova York, o redemoinho da cidade é tão forte, a potência centrífuga é tal, que é sobre-humano pensar em viver a dois, de compartilhar a vida com alguém. Somente as tribos, as gangues, as máfias, as sociedades iniciáticas ou perversas, certas cumplicidades podem sobreviver, mas não os casais. É a anti-Arca, onde os animais foram embarcados aos casais, a fim de salvar a espécie do dilúvio. Aqui, nesta Arca fabulosa, cada um embarca sozinho - cabe a ele encontrar, todas as noites, os derradeiros salvados para o último party. Em Nova York, os loucos foram soltos. Não se distinguem, nas ruas das cidades, dos outros punks, junkies, drogados, alcoólicos ou miseráveis que as freqüentam. Não se justificava que uma cidade tão louca mantivesse os seus loucos à sombra, subtraísse à circulação espécimes de uma loucura que, de fato, sob múltiplas formas, tomou conta da cidade inteira⁶².

Neste cenário caótico, quer parecer que o ponto central que desencadeia estes comportamentos fragmentários e solitários é a *competição generalizada*. No item 1.2.3.1 supra, apontou-se a necessidade da *competição*. Preparar-se para *competir* no mercado de trabalho. Essa *competição* estendeu-se por todas as relações interpessoais. Com a *competição*, não se pode ter amigos, uma vez que “os outros” são *adversários/concorrentes*. As angústias e agonias vividas pelo indivíduo são

⁶⁰ Soares, I. de O. *Sociedade da Informação ou da comunicação*. São Paulo: Cidade Nova. 1996.

⁶¹ Diniz, J. B. J. Op.cit. p. 60.

⁶² Diniz, J. B. J. Op.cit. p. 60.

de exclusiva responsabilidade dele. Ele deve procurar um *livro de auto-ajuda...conhecer-se, descobrir seus potenciais e ganhar seu primeiro milhão...* Trata-se de uma ironia cruel.

Ainda, nesta segunda paisagem, Ianni estuda o *globalismo* e a *racialização do mundo*, propondo que pela perda de parâmetros mundiais e pela fragmentação das relações sociais planetárias, ressurgem as idéias ligadas às castas, classes sociais e raças. Valores próximos (locais/regionais) e perdidos que promovem identidades e agrupamentos. Surge a necessidade de afirmação: “Nós” e “Eles”.

Ianni entende que:

*Há algo de muito particular e simultaneamente de muito geral que faz com que as marcas raciais, ou fenotípicas, sejam reelaboradas socialmente como estigmas, consubstanciando e alimentando a xenofobia, o etnicismo, o preconceito ou o racismo. Este pode ser o núcleo da questão: a metamorfose da marca em estigma. É claro que esta transformação é elaborada e reelaborada socialmente, tanto em termos de senso comum como de conhecimento que se propõe científico*⁶³.

Neste texto de Ianni⁶⁴, tem-se que os mecanismos de intercâmbio cultural na era globalizada tendem a criar, contraditoriamente, isolamentos, uma vez que o homem individual e coletivo necessita de afirmação e identidade. Nega-se, portanto, parâmetros para uma identidade planetária, ou solução generalizada para minimizar ou harmonizar as desigualdades dos choques cotidianos, no mundo globalizado.

Neste contexto, as soluções vislumbradas são locais partindo-se de uma tomada de *responsabilidade individual e coletiva* das misérias do ser humano de cada região. Este ser humano local/regional está integrado enquanto cultura e referencial.

⁶³ Ianni, O. Op. cit. p. 19.

⁶⁴ Conforme demonstra a história das numerosas tribos, nações e nacionalidades que povoam a geografia dos continentes, ilhas e arquipélagos, sempre se manifestam movimentos no sentido de afirmar a singularidade desta ou daquela coletividade, deste ou daquele povo, com as peculiaridades de sua cultura material e espiritual. O mesmo processo de transculturação gera processos de diferenciação, reafirmação de identidades, recuperação de tradições, glorificação de santos e heróis, eleição de monumentos e ruínas. Tanto é assim que o transculturalismo está atravessado de localismos, nacionalismos, etnicismos, racismos, fundamentalismos. São muitos os processos que se desenvolvem simultaneamente à transculturação, em geral indicando formas de afirmação, recuperação ou invenção de identidades. Em todas as conjunturas em que se multiplicam e intensificam os intercâmbios sociais, culturais, econômicos e políticos, há sempre manifestações de autodefesa, refúgio, isolamento ou fuga. “É verdade que, ao mesmo tempo em que o mundo se globaliza, enquanto a escala de economia e da administração dos negócios fica mais vasta e mundial, existe uma tendência psicológica das pessoas de olhar para algumas coisas com as quais elas possam se identificar, uma espécie de refúgio da globalização. (Hobsbawn, 1995b, p.7) Ianni, O. Op. cit. p. 15.

Finalizando esta segunda visão, tem-se que trazer o pensamento do crítico cultural e professor de ciência política do *City College* da Universidade de Nova York, Marshall Berman, que em 1982, afirmava parafraseando Marx que *tudo que é sólido desmancha no ar*, buscava uma leitura que permitisse dentro do mundo moderno encontrar uma lógica. Essa lógica estava na *responsabilidade* mencionada acima, ou a perda total e contraditória dos valores, como forma de impulso, para uma sociedade pós-moderna:

Venho tentando demonstrar que as mais severas críticas à vida moderna têm a imperiosa necessidade de recorrer ao modernismo, para nos mostrar em que ponto estamos e a partir de que ponto podemos começar a mudar nossas circunstâncias e a nós mesmos. Em busca de um ponto de partida, retornei a um dos primeiros e grandes modernistas, Karl Marx. Voltei a ele não tanto por suas respostas, mas por suas perguntas. O que de mais valioso ele nos tem a oferecer, hoje, não é um caminho que permita sair das contradições da vida moderna, e sim um caminho mais seguro e mais profundo que nos coloque exatamente no cerne dessas contradições. Ele sabia que o caminho para além das contradições teria de ser procurado através da modernidade, não fora dela. Ele sabia que precisamos começar do ponto onde estamos: psicicamente nus, despidos de qualquer halo religioso, estético ou moral, e de véus sentimentais, devolvidos à nossa vontade e energia individuais, forçados a explorar aos demais e a nós mesmos para sobreviver; e mesmo assim, a despeito de tudo, reunidos pelas mesmas forças que nos separam, vagamente cômicos de tudo o que poderemos realizar juntos, prontos a nos distendermos na direção de novas possibilidades humanas, a desenvolver identidades e fronteiras comuns que podem ajudar-nos a manter-nos juntos, enquanto o selvagem ar moderno explode em calor e frio através de todos nós⁶⁵. (sem grifo no original)

1.3.3. Uma visão utópica da paisagem globalizada

Esta terceira visão não necessariamente nega a segunda, mas diante dos problemas *apocalípticos* apresenta solução generalizada e otimista. Acredita-se na solução *planetária*.

Nesta visão da cultura globalizada e, portanto, do homem por ela produzido, sinaliza que a partir da *consciência planetária* dos problemas planetários; através da reforma do pensamento e do ensino - mecanismo de inversão da lógica da acumulação -, tem-se um princípio da ecologia da antropolítica. Insiste-se na *hominização*, ou seja, o homem, em sua história, apenas desenvolveu a dominação da natureza para sobrevivência, não

⁶⁵ Berman, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: Aventura da modernidade*. (Trad. Carlos Felipe Moisés/Ana Maria L. Ioriatti). São Paulo: Companhia das Letras. 1986. p. 124/125.

desenvolveu ainda a humanidade. Deve-se passar da *espécie humana* para *gênero humano* ou *humanidade*.

Edgar Morin⁶⁶ traduz as linhas desta 3ª. visão. Os fundamentos para sua construção estão estruturados em duas linhas de evidência da agonia⁶⁷ sofrida pelo mundo contemporâneo:

- a) A princípio tem-se problemas, basicamente, com a falácia do desenvolvimento econômico, calcado na fé do progresso científico/técnico/industrial. Este desenvolvimento é contraditório e traz consigo o sub-desenvolvimento, deparando-se diretamente com o problema *demográfico*, com o problema *cultural/civilizacional*⁶⁸ e o problema *ecológico*;

Morin afirma:

(...) A miséria material prolifera nas favela, a miséria moral não está apenas concentrada nas zonas de droga e de delinqüência: reina também nos bairros luxuosos protegidos por milícias e gorilas.

Os demógrafos da ONU prevêem que, por volta do ano 2000, mais de 50% da população mundial viverão em meio urbano, sessenta megalópoles abrigarão mais de 650 milhões de habitantes, ou seja, 8,3% da população mundial em meio milésimo de terras emersas. Das 21 megalópoles com mais de 10 milhões de habitantes, dezessete se situarão em países pobres⁶⁹.

⁶⁶ Morin, E. Kern, A. B. *Terra-Pátria*. (trad. Paulo Neves). 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina. 2000.

⁶⁷ Entendida como um estado trágico e incerto em que os sintomas de morte e de nascimento lutam e se confundem. Em metáfora: *um passado morto não morre, um futuro nascente não consegue nascer*.

⁶⁸ Trata-se do mesmo problema apontado por IANNI com a racialização do mundo, ou *balcanização* (referindo-se aos conflitos etno-raciais da região dos balcãs).

⁶⁹ Esses dados podem ser confirmados em pesquisa recente vinculada pela Revista Veja, em que se tem o seguinte quadro:

Megapobreza. O quadro mostra quais eram as maiores cidades no começo do século passado, quais são elas hoje em dia e quais devem ser em 2015. Observe que as megacidades se tornaram um fenômeno do Terceiro Mundo (em milhões de habitantes).

1900	População	2001	População	2015	População
Londres	6,6	Tóquio	29	Tóquio	29
Nova York	3,4	Cidade do México	18	Bombaim	26
Paris	2,7	São Paulo	17	Lagos, Nigéria	25
Berlim	1,9	Bombaim	17	São Paulo	20
Chicago	1,7	Nova York	16	Karachi, Paquistão	19
Viena	1,7	Xangai	14	Daca, Bangladesh	19
Tóquio	1,5	Los Angeles	13	Cidade do México	19
Wuhan, China	1,5	Lagos, Nigéria	13	Xangai	18
Filadélfia	1,3	Calcutá	13	Nova York	18
São Petersburgo	1,3	Buenos Aires	12	Calcutá	17

Para onde vai o desenvolvimento mundial? Uns marcham para o desastre; outros, que conseguem sair do subdesenvolvimento econômico, vão se defrontar com os problemas de civilização do mundo desenvolvido. De resto, este conhece em seu seio um desenvolvimento do subdesenvolvimento econômico: 35 milhões de seres humanos estão abaixo do limiar de pobreza nos Estados Unidos. Parece que entramos numa sociedade "dual", que rejeita em seus guetos os excluídos do desenvolvimento, entre os quais 10% a 20% de desempregados.

Marchamos para a crise mundial do desenvolvimento? De qualquer modo, é preciso rejeitar o conceito subdesenvolvido de desenvolvimento que fazia do crescimento tecno-industrial a panacéia de todo desenvolvimento antro-po-social, e renunciar à idéia mitológica de um progresso irresistível que cresce ao infinito⁷⁰. (...)

b) Em decorrência, a *tecnociência* reproduz sua lógica em todas as relações sociais coletivas e individuais. Essa lógica é *parcelar e mecânica*, vale dizer, *reducionista* composto de elementos específicos autônomos e, principalmente, substituíveis. Essa lógica de pensamento ignora a complexidade das relações que interpreta e atua, ao ser utilizada nos últimos séculos, no mais das vezes - para usar o jargão - *jogando a água, a banheira e o bebê junto ...* Este choque leva à *barbárie*, ao *sectarismo* e à *miséria*, na busca da reprodução do capital ou da felicidade.

Portanto, para Morin as relações humanas reduziram-se a movimentos desarticulados sem finalidade humana.

A extensão da lógica da máquina artificial em todos os domínios da vida humana produz o pensamento mecanista parcelar que adquire forma tecnocrática e econocrática. Tal pensamento não percebe senão a causalidade mecânica, quando tudo obedece cada vez mais à causalidade complexa. Ele reduz o real a tudo que é quantificável. A hiperespecialização e a redução ao quantificável produzem cegueira não apenas em relação à existência, ao concreto, ao individual, mas também em relação ao contexto, ao global, ao fundamental. Elas provocam, em todos os sistemas tecnoburocráticos, um parcelamento, uma diluição e finalmente uma perda da responsabilidade⁷¹. Favorecem nesses sistemas

Kaminski, K. et alli. *A explosão da periferia*. Veja. São Paulo: Abril. Ano 34. n. 3. p. 93. jan./2001.

⁷⁰ Morin, E. Op. cit. p. 87.

⁷¹ Não faltam justificativas para a perda da responsabilidade dos atos parcelares. Enzensberg argumenta que: "(...), na visão da social-democracia, Rousseau triunfou mais uma vez. Ela deixou de estatizar os meios de produção, mas instituiu a terapia social. A idéia de que o homem seja naturalmente bom encontra seu último reduto na assistência social. Estranhamente, motivos pastorais misturam-se a envelhecidas teorias da sociedade e a uma desnaturada versão da psicanálise. Em sua bondade ilimitada, esses tutores isentam os confusos militantes de qualquer responsabilidade sobre suas atitudes. A culpa jamais

tanto a rigidez da ação quanto o laxismo da indiferença. Contribuem fortemente para a regressão democrática nos países ocidentais, onde todos os problemas, agora técnicos, escapam aos cidadãos em proveito dos especialistas, e onde a perda da visão do global e do fundamental dá livre curso não apenas às idéias parcelares mais fechadas, mas também às idéias globais mais ocas, às idéias fundamentais mais arbitrárias, inclusive e sobretudo entre os próprios técnicos e cientistas⁷².

A solução, para Morin, está na reformulação do pensamento⁷³, por isso uma reformulação do ensino do fundamental ao superior. Afirma “*obviamente, a democratização do direito a pensar requer uma revolução paradigmática que permitiria a um pensamento complexo reorganizar o saber e ligar os conhecimentos hoje compartimentados nas disciplinas. (...) A reforma de pensamento é um problema antropológico e histórico chave. (...). Jamais na história da humanidade as responsabilidades do pensamento forma tão esmagadoras^{74 75}.*”

recai sobre o criminoso, e sim sobre o meio em que vive: a família, a sociedade, o consumo, a mídia, os maus modelos. De certa maneira, a cada assassino estende-se um questionário de múltiplas alternativas, que ele pode preencher como melhor lhe aprouver: *Mamãe não me queria; tive professores demasiadamente autoritários/antiautoritários; papai chegava bêbado/nunca chegava em casa; o banco encerrou minha conta/deu-me crédito demais; meus pais se separaram muito cedo/muito tarde; onde vivi havia muito/pouco tempo de lazer. Por isso não me restou outra opção senão cometer um atentado/um roubo/um assassinato/dar início a um incêndio. (assinale com um x a alternativa correta).* Enzensberg, H.M. Op. cit. p. 27/28.

⁷² Morin, E. Op. cit. p. 95.

⁷³ Há que se esclarecer que Morin possui obras que aprofundam sua proposta quanto ao pensamento complexo: *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESP. 1990; *Introduction à une politique de l'homme*. Paris: Seuil. 1969; *La Méthode*, t.3, *La Connaissance de la Connaissance*. Paris: Seuil. 1992.

⁷⁴ Morin, E. Op. cit. p. 170.

⁷⁵ Sem a pretensão de aprofundamento da questão, até porque tangencial, se se tomar a realidade brasileira de ensino médio e superior, o pensamento parcelar e mecanicista impera. No ensino médio, a proposta integradora mercado-escola fracassou. Analisada por Pablo Gentili revela que hoje há educação para o desemprego, sem informá-los, pois os empregos e postos não são suficientes. É consciência geral. A flexibilidade do conteúdo exigido pelo mercado, impõe a substituição da promessa por empregabilidade. Ser educado para competir a uma vaga, o mais *empregável terá a vaga*.

Se se falar em ensino superior há que se fazer distinção às Instituições financiadas pelo Estado (União, Estados ou municípios) e as financiadas por capital privado. Estas, após a reforma do ensino promovida pelo governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), multiplicaram-se estando sua grande maioria em fase embrionária, com preocupação restrita ao ensino. Inexiste pesquisa e extensão, quando ocorrem, ainda sofrem com o assistencialismo circunstancial. A Universidade Pública, segundo Marilena Chauí, não é avaliada no plano acadêmico e da pesquisa, mas sim pela produtividade e competição entre pesquisadores. Chauí sustenta que o pensamento neoliberal tomou conta das instituições de ensino impondo as seguintes idéias: a) a idéias de avaliação universitária desvinculada do ensino de primeiro e segundo graus; b) a avaliação acadêmica pelo critério das publicações e titulação, desprezando a docência; c) distribuição de recursos para pesquisa pelo critério de *linha de pesquisa*, critério que não faz sentido na área de humanas; d) privatização e terceirização da atividade universitária como sinônimo de modernização

Oscar Motomura, embora com uma visão próxima à *sectária* do item 1.3.1. supra, traz a preocupação com o ensino, não só pelo poder de mudança, mas como um *negócio de bilhões*, totalmente inexplorado:

“Ao transcendermos a visão míope de “necessidade de mercado” (...), não há como enxergarmos o que falta a bilhões de pessoas do planeta. Oportunidade para a ação empreendedora e novos tipos de trabalho? Com certeza. (...). Movidos por sua consciência, empreendedores hoje “comerciais” estarão cada vez mais se transformando em “empreendedores sociais” (...). Pessoas privilegiadas, capazes de adentrar na “Era do Ócio” (mais tempo disponível, menos horas de trabalho), encontrarão formas criativas de ser úteis, fazer a sua vida valer a pena, fazer diferença. A educação tenderá a entrar em sintonia com esse processo de gigantescas proporções (estamos falando de um “mercado” de bilhões). Escolas e universidades serão reinventadas. Muitas, novas, surgirão. Novos campos de trabalho se abrirão na área da educação em seu sentido amplo (de crianças a pessoas da “quarta idade”), para preparar pessoas capazes de ajudar a atender as necessidades da sociedade com soluções criativas e, principalmente, embasadas nos valores humanos mais essenciais. Em suma, uma educação voltada à formação do caráter, ao resgate da essência do ser humano e à formação de pessoas capazes de servir a seus semelhantes (em seu sentido mais nobre)”⁷⁶.

Talvez por ser um *negócio de bilhões*, funcione... No entanto surgem as questões: haverá autonomia pedagógica do pensamento complexo?; haverá espaço para todos ou quase todos que pretendem ser empreendedores sociais?; quem vai pagar a conta? ... Volta-se ao mesmo dilema, *como curar-se da visão míope de necessidade de mercado, para usar expressão de Motomura*⁷⁷?

racionalizadora (participação da universidade da economia e na sociedade como prestadora de serviço às empresas privadas e nenhum compromisso com a pesquisa fundamental e de longo prazo).

O texto acima foi elaborado tomando o referencial da educadora Maria Onete Lopes Ferreira. *Neoliberalismo, pós-modernidade e educação: algumas implicações*. Revista Educação em Debate. Fortaleza. Ano 20. n. 36. p. 82-92. 1998.

É um desafio a nós, professores, e nós, administradores do ensino, principalmente, encontrar mecanismos de elaborar o pensamento complexo antropológico e historicamente engajado, pretendido por Morin. Como?...

⁷⁶ Motomura, Oscar. *21 idéias para o século 21*. Você.s.a. São Paulo: Abril. Ano 2. n. 18. p. 41/42. dez. 1999. Motomura é diretor da *Amana Kay* e um dos maiores especialistas brasileiros em treinamento de executivos, segundo a revista.

⁷⁷ Oradores conservadores evocam incansáveis um *ancien régime* imaginário pretensamente dominado pelos binômios tradição-decência, honestidade-ordem. Eles supõem que a origem da selvageria mundial localiza-se nos movimentos de emancipação dos últimos duzentos anos e na desintegração do poder das velhas autoridades. Prometem a salvação por meio do retorno às virtudes, cujas raízes estariam nas sociedades patriarcais estratificadas. Compreensivelmente, não esclarecem como e com quais meios políticos tais

2. Uma análise do ser humano e de sua força-de-trabalho como forma de sobrevivência no contexto da globalização

Thompson⁷⁸, examinando a revolução industrial, atribui ao trabalho uma dimensão social e psicológica. Naquele contexto, em nome da necessidade de aumento da produção e do capital, fez-se uma mudança comportamental da sociedade. A indústria necessitava apropriar-se do *now-how* produtivo do artesão; precisava produzir em *massa*; necessitava eliminar o homem *trabalhador-tecnico-comerciante* e com ele a noção integral de sua vida produtiva; precisava nascer novos homens para uma nova sociedade.

Naquele momento e àquela época, houveram diversas formas comportamentais de resistência à forma de viver da fábrica. Trocar a vida regida pelas estações do ano, pelo cartão-ponto não ocorreu do dia para a noite⁷⁹. Vale citar a sabotagem, o alcoolismo, o trabalho lento, a desobediência, isto como reflexos de um contexto opressivo, que não se expressava apenas na fábrica. Thompson⁸⁰ destaca as revoltas do “*preço justo*”, contra a substituição do pão pela batata como alimento básico da população operária inglesa. Houve, portanto, uma resistência.

Hoje, há uma situação semelhante com a introdução das tecnologias para interação como o trabalho humano, guardadas as proporções. No entanto, não se vislumbra o esboçamento de reações à lógica do capital. Por quê?

Uma reflexão sobre as questões trabalhistas e os eventuais mecanismos jurídicos para solução não pode ignorar que o trabalhador e até o empregador são humanos que vivem em um contexto globalizado. Todas

idéias possam ser implantadas em uma fase posterior à civilização industrial. Enzensberg, H. M. Op. cit. p. 27.

⁷⁸ Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa* (trad.). v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 60 et seq.

⁷⁹ Hoje, tema centra das discussões em ciências sociais é a reorganização do tempo social. A rotina casa/trabalho/consumo/casa, precisa ser reorganizada. Um dos motivos é o desemprego estrutural. Com menos postos de trabalho, há a necessidade de menos horas de trabalho, para abarcar maior número de trabalhadores. Daí mundialmente a redução do limite semanal da jornada e a implementação de sistemas de compensação de jornada e de bancos de horas com jornada (diária) flexível. Também é certo nas propostas a formação contínua durante toda a vida. Reciclar e adquirir conhecimentos é essencial à base produtiva. Por essa ótica, no campo individual, propõe-se os chamados contratos atividades que englobam por um período determinado: formação, produção, emprego, reciclagem, treinamento. O tempo social passa, segundo o espaço, a ser casa/formação e trabalho/consumo/casa. Para o tempo do trabalho ver: Cruz, A. P. Fernandes Nogueira da. *Flexibilidade das Condições de Trabalho: o tempo do trabalho*. O Direito e os desafios da contemporaneidade. (Júlio César de Sá da Rocha e Márcia Costa Misi - organizadores). São Paulo: LTr. 1999. p. 66 et seq.

⁸⁰ Thompson, E. P. Op. cit. p. 68.

as causas analisadas acima interferem, diretamente, em suas pretensões e em suas ações cotidianas. Todos os sujeitos envolvidos no conflito são afetados pelo pensamento parcelar e mecanicistas.

Mais uma vez o pensamento de Morin revela a condição das relações humanas em sociedade em todos as suas três gradações: a planetária, a social e a interpessoal:

O desenvolvimento da área técnica/burocrática acarreta a generalização do trabalho parcelar sem iniciativa, responsabilidade nem interesse. O tempo cronometrado, o tempo precipitado fazem desaparecer a disponibilidade, os ritmos naturais e tranqüilos. A pressa expulsa a reflexão e a meditação. A mega máquina burocrática/técnica/industrial recobre atividades cada vez mais numerosas. Obriga os indivíduos a obedecer a suas prescrições, injunções, formulários. Não se sabe como dialogar com os seus poderes anônimos. Não se sabe como corrigir seus erros, não se sabe a que departamento a que guichê se dirigir. A mecanização assume o controle do que não é mecânico: a complexidade humana. A existência concreta é maltratada. O reinado anônimo do dinheiro progride ao mesmo tempo que o reinado humano da tecnoburocracia. Os fatores de estímulos são também desintegradores: o espírito da competição e de êxito desenvolve o egoísmo e dissolve a solidariedade. (...)

A vida democrática regride, quanto mais os problemas adquirem uma dimensão técnica, tanto mais escapam às competências dos cidadãos em proveitos dos especialistas. Quanto mais os problemas de civilização se tornam políticos, tanto menos os políticos são capazes de integrá-los em sua linguagem e em seus programas.

O homem produtor está subordinado ao homem consumidor, este ao produto vendido no mercado, e este último a forças libidinais cada vez menos controladas no processo circular, no qual se cria um consumidor para o produto e não mais apenas um produto para o consumidor. Uma agitação superficial se apodera dos indivíduos assim que escapam às coerções escravizantes do trabalho. O consumo desregrado torna-se superconsumo insaciável que alterna com curas de privação; a obsessão dietética e a obsessão com a forma física multiplicam os temores narcísicos e os caprichos alimentares, sustentam o culto dispendioso das vitaminas e dos oligo-elementos. Entre os ricos o consumo se torna histérico, maníacos pelo prestígio, a autenticidade, a beleza, a tez pura, a saúde. Eles percorrem as vitrines, os grandes magazines, os antiquários, os mercados de pulgas. A bibelomania se conjuga com a bugigangomania⁸¹.

O que se pretende destacar destas afirmações é que inexistente elemento agregador nas relações humanas. As relações existem enquanto regras de cada espaço social: seja o trabalho, seja a formação/educação, seja

⁸¹ Morin, E. Op. cit. p. 88/89.

a família, seja o lazer, seja o consumo. As pessoas não se identificam enquanto gênero humano.

Obviamente, as coalisões de trabalhadores para defesa de seus interesses ou manifestação de suas irresignações, vistas no século 19 e início do século 20, não se vêem, no mundo contemporâneo⁸². Não há mais colônias de trabalhadores rurais ou vilas de operários de uma fábrica, onde os péssimos salários são vividos e compartilhados. Hoje, há conceito de periferia⁸³, onde se amontoam os definitivamente desempregados ou excluídos do sistema produtivo. Para eles não há investimentos sequer em infra-estrutura, quiçá em uma esperança de treinamento para inserção no mercado especializado do trabalho⁸⁴.

⁸² Após a abertura econômica do Brasil e a política neoliberal do governo a partir de Fernando Collor de Mello, tem-se os índices de greves em franco declínio, em verdade, não se discute greve no cenário do trabalho. As tentativas das centrais sindicais de deflagrar greves gerais foram um fiasco.

⁸³ O surgimento da periferia é decorrente de uma transformação profunda ocorrida no Brasil nas últimas décadas, que é a urbanização. Quando o campo entrou em colapso por excesso de gente e falta de oportunidades, começou uma intensa migração rumo às capitais industrializadas. Em apenas duas décadas, 20 milhões de pessoas se mudaram em busca do conforto e das oportunidades que imaginavam desfrutar nas grandes cidades. Foi um dos processos de urbanização mais acelerados e caóticos já vistos no mundo. Em 1970, pela primeira vez a população urbana superou a rural. A migração não produziria grandes problemas se as cidades às quais as periferias estão ligadas pudessem gerar riqueza suficiente para oferecer condições de vida satisfatória aos que chegam. O Brasil não conseguiu fazer isso.

O governo federal tentou minimizar o problema abrindo um banco, o BNH, para financiar projetos habitacionais. Os Estados criaram as Cohabs, para executar e as prefeituras contribuíram com a abertura de enormes loteamentos. Por muitos anos, a construção de casas populares foi plataforma obrigatória dos políticos. Vendia-se a idéia de que a solução fora encontrada, mas o que não se falava é que ao empurrar centenas de milhares de pessoas para conjuntos na periferia os governantes estavam apenas adiando a solução real do problema. De um dia para o outro surgiram bairros enormes sem transporte, sem lazer, sem posto médico. Nos últimos trinta anos, a área das metrópoles aumentou muito. No caso de São Paulo e Porto Alegre, por exemplo, a mancha urbana que ocupam ficou cinco vezes maior no período. Mas o grosso dos equipamentos público ficou restrito àquele pequeno núcleo original que definia as capitais nos anos 70. Kaminski, K. et alli. *A explosão da periferia*. Veja. São Paulo: Abril. Ano 34. n. 3. p. 90. jan./2001.

⁸⁴ Deve-se ter em mente os programas sociais públicos e privados que amenizam e atendem a parte da população. Iniciativas filantrópicas, também, alcançaram resultados. Essas iniciativas, no entanto, atendem perfeitamente a paisagem realista do mundo globalizado, ou seja, apesar da certeza de atuação parcial e localizada - assim como Sísifo, na tragédia grega -, continua-se a agir em uma busca eterna pela felicidade social. Há que se ter prioridades, tanto aqueles que possuem uma visão ampla das necessidades, como para aqueles, material e intelectualmente limitados, sentem a necessidade do próximo.

2.1. Uma visão da superexploração e da lógica do capital no espaço brasileiro

Para caracterizar as relações de trabalho no Brasil e a multidiversidade do objeto de direito material do trabalho brasileiro, cumpre trazer à discussão o estudo de José de Souza Martins⁸⁵, que aponta, em suma, o desenvolvimento desigual do capital; a exploração das desigualdades; a superexploração, ou superescravidão; tudo como fruto da *acumulação primitiva* em meio a *reprodução ampliada do capital* (globalização da economia)⁸⁶.

Para explicar a lógica contraditória da acumulação primitiva no cenário da globalização, Martins apóia-se em Henri Lefebvre:

O capitalismo certamente não é apenas constituído do quadro de opressão e violência contidas nas informações sobre a peonagem no Brasil atual. (...) Não se pode atribuir a momentos, circunstâncias e particularidades do processo de reprodução do capital características formais cuja validade está fundamentalmente referida ao seu processo geral e, sobretudo, às suas tendências gerais, que é o que se fixa nos modelos interpretativos e na teoria. O tempo de reprodução do capital é o tempo da contradição; não só contradição de interesses opostos, como os das classes sociais, mas temporalidades desencontradas e, portanto, realidades sociais que se desenvolvem em ritmos diferentes, ainda que a partir das mesmas condições básicas. Henri Lefebvre sugere bem que a interpretação do capitalismo contida em O Capital está baseada numa concepção de desenvolvimento igual; e que, outras obras de Marx, como os Grundrisse, se apóiam na concepção do desenvolvimento desigual do capital, em que os componentes do processo não se regem pelos mesmos ritmos e temporalidades. As forças produtivas se desenvolvem mais depressa do que as relações sociais; no capitalismo, a produção é social, mas a apropriação dos resultados da produção é privada. Essa contradição fundamental anuncia o descompasso histórico entre o progresso material e o progresso social. A desigualdade do desenvolvimento se expressa nos desencontros que nos revelam diversidades e não uniformidades da mesma realidade econômica e social⁸⁷.

⁸⁵ Martins, J. de S. *A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil*. Tempo Social. Revista de Sociologia. São Paulo: USP. Vol. 6. nº 1-2. jun./1995.

⁸⁶ Estudo abrangendo outros países latinos é indicado por Martins. B., Arnold J. Rural workers in Spanish América: problems of peonage and oppression. The Hispanic American historical review. Durham: Durham: Duke University Press. Vol. 59. n. 1. fev. 1979.

⁸⁷ Lefebvre, H. *La pensée de Lénine*. Paris: Bordas. 1957. p. 206 et. seq. apud Martins, J. de S. Op. Cit. P. 7/8.LL

Quanto aos fatores que determinam o funcionamento da peonagem e a submissão do trabalhador ao sistema de superexploração, que leva à escravidão, argumenta:

Aparentemente, as fazendas preferem o esquema de usar temporariamente o trabalho de camponeses para os quais um provável ganho em dinheiro seria um adicional em relação aos meios de vida habituais, na casa dos próprios pais, sobretudo possível na época de entressafra, quando a família deles não precisa e eles representam uma boca a mais em época de poucos recursos. Os trabalhadores disponíveis estão, por isso, num momento de poucas exigências quanto ao tipo de trabalho, suas condições e sua remuneração. A mão-de-obra, nesse caso, não circula segundo regras de mercado perfeitas, pois a oferta de trabalho não está condicionada, senão parcialmente, pelas condições de sobrevivência do trabalhador. É um esquema difundido no Brasil e inclui os que vão trabalhar temporariamente nas cidades, quase todos os anos, na construção civil e em outros serviços pesados e mal pagos, para adicionar algum dinheiro às condições de vida da família.(cf. Oliveira (org.), 1982). (...). No meu modo de ver, justamente uma certa miragem do caráter lúdico desse trabalho fora do lugar (e fora da vigilância e da disciplina dos pais e, também, das esposas) torna o trabalhador acentuadamente vulnerável ao recrutamento e complacente com as más condições de trabalho, o pouco ganho e a violação de seus direitos trabalhistas⁸⁸.

Essas afirmações elucidam os fundamentos do raciocínio ora classificado como realista, no item 1.2.3.2. supra. Tem-se que no cenário mundial, o capital utiliza-se de todas as suas formas de acumulação ou reprodução, utilizando as culturas, as diferenças e as desavenças para inserir-se e retirar-se sem sofrer prejuízos calculados. Se para alguns territórios e agrupamentos de pessoas os investimentos estatais e privados criaram condições de vivência de uma nova economia virtual, ali, o capital explora as idéias do *e-commerce*, dos mercados mobiliários, das megafusões e das pesquisas de ponta. Se, por outro lado, for possível no mesmo território para outros diferentes agrupamentos uma acumulação primitiva, ali o capital utilizará a escravidão, a apropriação de recursos públicos, a corrupção. Mantêm-se a lógica da acumulação e a distribuição passa a ser um problema de consciência ética, que está longe de ser desenvolvida; para alguns, impossível.

Martins conclui retomando a necessidade do dinheiro como fonte motora da submissão do trabalhador a superexploração, bem como afirma que a miséria promove o amortecimento da consciência e da capacidade de reação e indignação diante das condições da escravidão - até porque não são muito diferentes da que se vive -. Assim, a possibilidade de aquisição do

⁸⁸ Martins, J. de S. Op. cit. p. 18.

supérfluo é a realização do mito⁸⁹ da felicidade materializada, mesmo que isso ocorra em nível abaixo da dignidade da pessoa humana⁹⁰.

É claro que se dá também como consequência da pobreza e da falta de alternativas de emprego nos lugares de origem. Mas, sobretudo em consequência da crescente necessidade de dinheiro para fazer frente a novas carências decorrentes da presença cada vez maior da mercadoria na vida das populações camponesas e, ao mesmo tempo, da crônica deterioração das relações de troca entre as mercadorias vendidas pelo camponês e as mercadorias que ele precisa ou quer comprar. Por esse meio fica claro que a superexploração alcança não só o peão propriamente dito, mas todo seu grupo familiar, base de sua reprodução como força de trabalho e agora força de trabalho para o capital. No fim das contas, por esse meio, o capital tira vantagens das diferenças de preços, custos e

⁸⁹ A sociedade contemporânea também classificada pela cultura de consumo em massa reduziu a cidadania ao trabalho-consumo, como analisou Morin (ver nota n. 101 acima). Jean Boudrillard em sua obra *La société de la consommation*, Paris: Calmann Levy. 1969 conclui que as relações sociais tornaram-se objetivas, materializadas, funcionais mas sem utilidade específica, consumíveis e descartáveis. Dorothee Rüdiger analisando a obra de Boudrillard afirma (...) *Há uma mudança radical no mundo do consumo de bens e serviços. Já não importa a utilidade específica dos objetos nem a demanda dos compradores, substituída pela necessidade de consumo, suscitada artificialmente. As próprias mercadorias transformam-se em um mito, isto é, em parte de um pensamento mágico. O mito "transcende a nossa capacidade de ver e tocar... (e) diz respeito a modelos exemplares de atividade humana. Embora fale de coisas verdadeiras, ele não é verdadeiro em seu conteúdo manifesto, mas possui um valor, daí sua eficácia social."* Função social do mito é, em outras palavras, de veicular "modelos, garantindo ao homem a precedência de seus atos, ajudando-o, desse modo, a eliminar as dúvidas que surjam a cada novo empreendimento..." O cotidiano apresenta-se como completamente organizado, homogeneizado e obedecendo ao mito da felicidade, gerado através dos símbolos do sucesso social, do *status* de consumidor de objetos de griffe. Projetado para todos os indivíduos que compõem a sociedade, para todos os consumidores, "o mito da felicidade é que recolhe e encarna nas sociedades modernas o mito da igualdade." In: *O contrato coletivo no direito privado*. São Paulo: LTr. 1999.

⁹⁰ Martins examina as pequenas estruturas que se criam em torno da peonagem e da superexploração temporária realizada pelas fazendas. Essas estruturas servem para manter o peão naquela região até a próxima contratação. Essa rotatividade reproduz-se em regiões de garimpo, em regiões de safira, bem como nas periferias das grandes cidades. Aquele que está alijado de seus direitos e está diuturnamente no limite da sobrevivência, não tem condições de resistir a qualquer oferta que aparentemente melhore sua vida, mesmo que seja escarvadão. "Se por um lado é preciso explicar a peonagem pelos mecanismos de acumulação de capital, como parte do processo global de acumulação, por outro é preciso compreender que grande parte da sua dimensão propriamente dramática procede do que se poderia chamar de pequena acumulação. Refiro-me à importância que tem a peonagem nos ganhos dos membros do pequeno mundo que se organiza em torno dela: os traficantes propriamente ditos, responsáveis pelo recrutamento dos trabalhadores, pelo endividamento inicial através do adiantamento deixado com a família do peão e que consegue saldo em relação às suas dívidas gasta boa parte do pouco dinheiro que recebe; os vendedores de roupas e bugigangas (como rádios de pilhas, relógios, óculos de sol, etc); os donos de pensões que abrigam e financiam a manutenção dos peões quando seu dinheiro acaba e que os vendem a um novo traficante ou recrutador que apareça à procura de trabalhadores; (...)" Martins, J. de S. Op. cit. p. 14.

necessidades que há entre diferentes regiões e setores da economia, alguns mais e outros menos profundamente inseridos na lógica capitalista. É essa a forma que assume a diferença entre setores inteiramente dominados pela mediação do capital e setores só externamente atingidos por essa mediação. Neste segundo caso, setores em que a reprodução da força-de-trabalho só complementarmente depende de recursos produzidos diretamente por meio do capital. O capital tira, pois, vantagens comparativas do atraso social e econômico. Sobretudo tira vantagens do amortecimento da consciência de seus peões quando estes usam como parâmetro para medir o valor de sua força-de-trabalho o complementar e, às vezes, o lúdico e o supérfluo⁹¹.

3. Conclusão

Assim, as relações de trabalho, principalmente, quanto aos instrumentos jurídicos de regulação e cooperação pensados para o Estado, devem considerar as incapacidades econômicas, sócio-culturais e psicológicas dos trabalhadores para ações coletivas gerais/transformadoras de *resistências* e de *reivindicações*. Há que se garantir pontos mínimos de intervenção estatal nas relações de trabalho, nesta barganha internacional para sedução do capital transnacional ao território brasileiro⁹².

As questões trabalhistas, entendidas como atividades produtivas humanas, deverão ser solucionadas, tendo-se em vista sua dimensão global e regional. A dimensão global, provavelmente como causa remota dos problemas. A dimensão regional/local como paradigma de manutenção da *dignidade humana assimilada e adequada historicamente àquela comunidade de trabalhadores e empresários*⁹³.

Pontualmente, pode-se concluir que:

⁹¹ Martins, J. de S. Op. cit. p. 19.

⁹² Neste contexto, tem-se frente a frente os limites da pesquisa jurídica. Se se admitir, como demonstra Enzenberge que não há saída a não ser a guerra e os milagres dos sobreviventes, elegendo Sísifo como parâmetro de existência, vê-se que o Estado Brasileiro pode simplesmente não ser escolhido pelo capital, ou sofrer avaliação negativa na Moody's, não sendo território apto a receber investimentos. O que faz o direito diante do amante que foi embora, prometendo voltar assim que conhecer outros prazeres? Para essas forças não há respostas. No entanto, poder-se-ia voltar para as responsabilidades daqueles que estão aqui e que muitas vezes não podem sair. A esses o direito poderia legitimar sua solidariedade, seu humanismo, sua ação comunicativa, para lembrar Habermas, embora sua lógica seja a mesma daquele que fugiu.

⁹³ Este é o ponto central do presente estudo. A adequação e sensibilidade do nível de dignidade humana vivenciado pelo trabalhador envolvido no conflito é responsabilidade da jurisdição trabalhista, ou daqueles que julgarem os conflitos, confirmando a hipótese de eliminação da Justiça Especializada no Brasil.

1. A reprodução ampliada do capital financeirizado e sua mobilidade internacional promovem, contemporaneamente, regionalizações do *desenvolvimento produtivo*, o que gera periferias às regiões com maior concentração de investimentos. Essas desigualdades são exploradas com patamares históricos diferentes de acumulação do capital.
2. Os Estados-nacionais são postos em competição no cenário internacional para a atração/sedução do capital mundial ao seu território, a fim de promover investimentos no bem estar social dos que ali vivem, segundo a lógica desenvolvimentista.
3. Os Estados-nacionais da periferia do capital mundial possuem excedentes e contradições definitivamente insanáveis, ante a quebra do paradigma da necessidade do trabalho humano para reprodução do capital. Os excedentes populacionais definitivamente excluídos do sistema produtivo promovem movimentos migratórios no mundo, estimulando xenofobismos e conflitos culturais. Internamente os Estados-nacionais da periferia, *balcanizados*, administram as contradições promovendo políticas emergenciais e localizadas, para manter a promessa de melhoria do bem estar social no desenvolvimento industrial e integração no comércio mundial. Não há a visualização, contudo, de uma solução transformadora generalizada pelo mundo que promova a inversão radical da lógica da acumulação. Há visões propugnando a hominização do mundo, baseada em um pensar complexo, o que constitui por hora, uma esperança.
4. O Brasil, como país periférico, enquadra-se neste perfil. As medidas jurídicas para legitimar a atuação do capital nos países periféricos criam e agravam os problemas sociais, especificamente ligados ao trabalho humano. A flexibilização como estandarte destas políticas, em verdade, apenas legitima o mercado informal nos países periféricos. Nestes, a violação dos direitos sociais é faticamente institucionalizada.

4. Referências

ADDA, Jacques. *A mundialização da economia - gênese*. V. 1. trad. Ana Barradas. Lisboa: Terramar. 1997.

BAGOLINI, Luigi. *Filosofia do trabalho. O Trabalho na democracia..* 2ª. ed. São Paulo: LTr. 1997.

- BAUER, Arnold J. *Rural workers in Spanish America: problems of peonage and oppression*. The hispanic american historical review. Dursham: Duke University Press. Vol. 59. n. 1. fev. 1979.
- BELTRAN, Ari Possidônio. *Flexibilização, Globalização, Terceirização e seus Impactos na Relação de Trabalho*. São Paulo: LTr. 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: Aventura da modernidade*. (Trad. Carlos Felipe Moisés/Ana Maria L. Loriatti). São Paulo: Companhia das Letras. 1986.
- BOISSONNAT, Jean. 2015 - *Horizontes do trabalho e do emprego*.. São Paulo: LTr. 1998.
- BOUDRILLARD, Jean,. *La société de la consommation*, Paris: Calmann Levy. 1969.
- CARAVANTES, Geraldo & BJUR, Wesley. *Readministração em ação: a prática da mudança rumo ao sucesso*. São Paulo: Makrin Books. 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil. 1975.
- DALLEGRAVE NETO, José Afonso. *Inovações na legislação trabalhista. Aplicação e análise crítica*. São Paulo: LTr. 2000.
- DINIZ, José Janguê Bezerra. *O direito e a justiça do trabalho diante da globalização*. São Paulo: LTr. 1999.
- DRUCKER, Peter. *Você está preparado? Você s.a*. São Paulo: Abril, ano 3, n. 26, p. 48/51. ago. 2000.
- DUARTE, Bento Herculano. *Poderes do juiz do trabalho*. Direção e protecionismo processual. São Paulo: LTr. 1999.
- DWORKIN, Ronald. *Law's empire*. Cambridge: Mass. 1986.
- DWORKIN, Ronald. *Visão de integridade*. Espaço Aberto. Jornal O Estado de São Paulo. 29 de março de 1997.
- ENZENSBERGE, Hans Magnus. *Guerra civil*. (trad. Marcos Branda Lacerda e Sérgio Flaksman). São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- FARIA, José Eduardo. *Democracia e governabilidade*. in: *Direito e globalização econômica*. (org. por José Eduardo Faria). São Paulo: Malheiros. 1996.
- FERREIRA, Maria Onete Lopes : *Neoliberalismo, pós-modernidade e educação: algumas implicações*. Revista Educação em Debate. Fortaleza. Ano 20. n. 36. p. 82-92. 1998.
- FREITAS JÚNIOR, Antônio Rodrigues de. *Globalização, Mercosul e crise do Estado-Nação: perspectivas para o direito numa sociedade em mudança*. São Paulo: LTr. 1997.
- HAMMER, Michael & CHAMPY, James. *Reengenharia. Revolucionando a empresa*. Rio de Janeiro: Campus. 1994.

- HOBBSBAWN, Eric. *Age of extremes (the short twentieth century: 1914-1991)*. London: Michael Joseph. 19-.
- IANNI, Otávio. *Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.
- IANNI, Otávio. *Racionalização do Mundo*. Tempo Social; Rev. Social. Vol. 8. n. 1. USP. São Paulo. 1996.
- ITANI, Alice. *O trabalho, sua invisibilidade e seu estudo*. In: Revista Tempo Social. V. 8 (1). São Paulo: USP. Maio de 1996.
- KAMINSKI, Kristhian *et alli*. *A explosão da periferia*. Veja. São Paulo: Abril. Ano 34. n. 3. p. 93. jan./2001.
- MALUF, Maria Regina. *A Pesquisa e a prática da psicologia educacional - para onde vamos?* In: <http://copsa.cop.es/congresoiberia/base/educati/Default.htm>
- MARITAIN, Jacques. *O homem e o estado*. (trad. Alceu Amoroso Lima). Rio de Janeiro: Livraria Agir. 1952.
- MARTINS, José de Souza. *A reprodução do capital na frente pioneira e o renascimento da escravidão no Brasil*. Tempo Social. Revista de Sociologia. São Paulo: USP. Vol. 6. nos 1-2. jun./1995.
- MASI, Domênico De. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera. 1994..MASI, Domênico De. *O futuro do trabalho*. 3ª. ed. São Paulo: José Olímpio. 1999.
- MASI, Domênico De. *Ócio criativo*. 2ª. ed. São Paulo: Cestante. 2000.
- MELLO, Prudente José Silveira. *Globalização e reestruturação produtiva do fordismo ao toyotismo*. in: Globalização, Neoliberalismo e o mundo do trabalho. Curitiba: Edibej. 1998.
- MORIN, Edgar. & KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. (trad.). 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina. 2000.
- MORIN, Edgar. *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESP. 1990
- MORIN, Edgar. *Introduction à une politique de l'homme*. Paris: Seuil. 1969.
- MORIN, Edgar. *La Méthode, t.3, la connaissance de la connaissance*. Paris: Seuil. 1992.
- MORRIS, Tom. *Sabedoria Antiga*. In: Você.s.a., São Paulo: Abril, ano 3, n. 26, p. 52/53. ago. 2000.
- MOTOMURA, Oscar. *21 idéias para o século 21*. Você.s.a. São Paulo: Abril. Ano 2. n. 18. p. 41/42. Dez. 1999.
- NAGEL, Lizia Helena. *Produção da vida - Produção da Arte: análise da sociedade e da produção artística do século XIII ao século XX*. Apontamentos, n. 02. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. Abr. 1992.
- OLIVEIRA, Lourival José de. *Organizações de trabalhadores e a modernização do direito do trabalho*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC. 1999.

PORTES, Alejandro. *Quando o mais pode ser menos: normas trabalhistas, desenvolvimento e economia informal*. In: Novos Estudos. São Paulo: Cebrap. 1993. n. 35.

RAMIRO, Denise. *Aqui não tem bobo. Condenados nos discursos, os subsídios às exportações são a norma no comércio internacional*. Veja. São Paulo: Abril. Ano 34. n. 3. p. 98. jan./2001.

RIFIKIN, Jeremy. *O fim dos empregos*. São Paulo: Makron Books. 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da comunicação*. São Paulo: Cidade Nova. 1996.

TELES, Vera da Silva . *A pobreza como condição de vida: famílias, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas*. in: São Paulo em Perspectiva.vol. 4. n. 2. São Paulo: Fundação Seade. 1990.

THOMPSON, Edward Paul. *A formação da classe operária inglesa* (trad.). v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 60 et seq.